

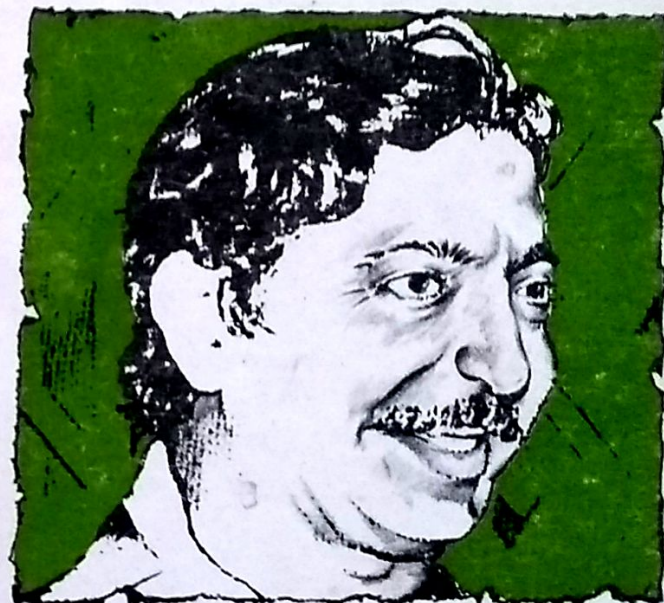
O TESTAMENTO DO HOMEM DA FLORESTA

O movimento se desenvolveu, surgiu da própria necessidade. Talvez a gente foi aprendendo na prática, no dia-a-dia. Nós levamos muito tropeço nesta luta e fomos aprendendo. A gente, muitas vezes, é obrigado a se virar e ter que aprender a lutar por sua própria circunstância, pela própria situação em que se vive. Nós fomos obrigados a ter a nossa criatividade. O interessante é que isto foi uma coisa criada da nossa cabeça mesmo, em conjunto. Descobrimos que esta luta era uma alternativa, a única alternativa que tínhamos para resistir. //

Chico Mendes

 FASE

O TESTAMENTO DO HOMEM DA FLORESTA



CHICO MENDES POR ELE MESMO

Organização de Cândido Grzybowski

 FASE

O TESTAMENTO DO HOMEM DA FLORESTA

CHICO MENDES POR ELE MESMO

© 1989, FASE – Federação de Órgãos para
Assistência Social e Educacional
Rua Bento Lisboa, 58
22221 – Rio de Janeiro – RJ
Brasil

Capa e Arte
Gerardo Hanna

Revisão
Marcello Borges
J. Luiz Pacheco
Inácio Dorado
Rodrigo O. Argüeso

Produção Gráfica
Alfons Klausmeyer

SUMÁRIO

Apresentação	5
Biografia	7
Introdução	9
I – Na origem, um movimento de resistência de seringueiros aos desmatamentos	18
II – Hoje, um movimento ampliado e com uma proposta alternativa aos desmatamentos na região Amazônica	24
III – A expansão do movimento fere poderosos interesses, gera oposição violenta e desvenda as contradições do Estado	29
IV – A organização interna, as formas de luta e as frentes de ação do movimento	36
V – Projeto Seringueiro: a ação educativa como estratégia de fortalecimento do movimento	45
VI – Construindo uma rede de relações e apoios para o movimento	48
VII – Conquistas, problemas, aspirações	55
VIII – Um líder feito no trabalho e na luta, devotado aos companheiros seringueiros e à defesa da Amazônia	60
Glossário	71

APRESENTAÇÃO

A FASE, através do SEPEDE — Setor de Pesquisas e Debates, e do PTA — Projeto Tecnologias Alternativas, publica este pequeno texto para reverenciar e perpetuar a memória de Chico Mendes, o grande líder sindical e ecológico da Amazônia, assassinado em virtude de sua atuação.

Ao mesmo tempo, com esta publicação, a FASE quer expressar a sua solidariedade ao movimento dos seringueiros em defesa da floresta e de sua sobrevivência, bem como reafirmar o seu compromisso junto às classes populares na construção conjunta de um Brasil mais justo e democrático.

O organizador do texto — Cândido Grzybowski — é sociólogo e professor do IESAE/Fundação Getúlio Vargas, e bolsista pesquisador do CNPq. Atualmente, ele presta uma consultoria ao SEPEDE, da FASE.

Na preparação do texto para publicação foi fundamental a participação de Lourdes Maria Carvalho Grzybowski, responsável pela comunicação do PTA/FASE.

A entrevista que dá origem ao texto foi realizada para servir de subsídio a um livro sobre movimentos sociais que Cândido Grzybowski está produzindo a pedido do LAB — Latin America Bureau, de Londres. Para o projeto do livro, mais de vinte diferentes movimentos sociais, urbanos e rurais, foram escolhidos pela sua representatividade. A entrevista com Chico Mendes, sobre o movimento dos seringueiros, obedeceu ao mesmo roteiro elaborado por Cândido Grzybowski para as outras entrevistas. Foi realizada em Xapuri, nos meses de novembro e dezembro de 1988, pelo prof. Pedro Vicente Sobrinho, da UFAC — Universidade Federal do Acre. A transcrição das duas horas e meia de gravação foi feita pela profª Sandra Tereza Cadiolli, do Núcleo da UFAC, em Xapuri. Também colaborou neste trabalho o prof. João Correia Lima Sobrinho, da UFAC.

O assassinato de Chico Mendes mudou o contexto e o sentido da própria entrevista. Por isso, a FASE considerou oportuno transformá-la em um testamento político do Chico Mendes.

Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1989.
FASE — Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

PREFÁCIO À 3ª EDIÇÃO

Após o assassinato de Chico Mendes, a Amazônia e seus povos deixaram de ser algo distante e se instalaram no centro da crise brasileira. Cada vez mais e mais gente se interessa hoje em saber o segredo dos povos da floresta. A tragédia amazônica é vista como fonte da tragédia coletiva em que mergulhamos devido ao princípio do lucro fácil e a qualquer preço erigido como objetivo e norma pelos nossos capitalistas e pelos prestimosos governantes que lhes criam facilidades. No caso das áreas rurais, da Amazônia em particular, a ganância, a destruição e a impunidade com que agem os truculentos latifundiários-capitalistas, donos de "terras e de gentes", e seus asseclas, são uma afronta aos mais elementares direitos de todos os assalariados rurais, camponeses, seringueiros, castanheiros, pescadores, povos indígenas, que têm na terra e nos seus recursos naturais sua condição fundamental de vida, de participação econômica e política, de produção e expressão sócio-cultural.

Chico Mendes foi assassinado por opor o direito à vida dos que trabalham e vivem na floresta ao direito do lucro e a destruição que o acompanha. Chico resistiu e buscou alternativas com os seus companheiros, desencadeando processos sociais novos, baseados na solidariedade humana, na participação, na busca de liberdade. Chico, como tantos outros, pagou com a vida por lutar pela vida. Seu assassinato provocou tal impacto, a nível nacional e internacional, que foi possível, finalmente, em dezembro de 1990, julgar e condenar os mais diretamente implicados no caso. Isto é exemplar! Pois sabemos quanto a morosidade e a conivência do Judiciário e a corrupção das polícias têm deixado o terreno livre para a impunidade dos assassinos de trabalhadores rurais.

Mas muitos morreram e estão continuando a morrer por lutar pelo mesmo ideal de Chico Mendes, ideal de vida humana, de solidariedade e participação, de liberdade, enfim, de convívio democrático e mais igualitário nas áreas rurais do Brasil, tanto na Amazônia como fora dela. Aliás, apesar do impacto causado pelo assassinato do Chico Mendes, o extermínio de trabalhadores rurais, de índios, de suas lideranças e dos assessores de suas lutas, continua sendo o mais contundente indicador da tragédia coletiva que vivemos. Tanto Expedito Ribeiro de Souza como Hildebrando Lourenço e José

Helio da Silva são os mais novos "Chicos" baleados pela selvageria de nossas classes dominantes e novos governantes. O governo Collor, neste sentido, em nada está contribuindo para o fim da violência e morte, no campo brasileiro.

O "testamento" de Chico Mendes nos alerta para a necessidade de condenar e mudar a lógica econômica e política que comanda um desenvolvimento selvagem e destruidor. Ele nos convida para mudar projetos de sociedade e até práticas cotidianas, negando e condenando todo e qualquer autoritarismo, violência e morte. É um convite para superar nova crise e reconstruir a nossa sociedade com base nos direitos humanos. Nisto reside a atualidade do "testamento" de Chico Mendes.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1991

Cândido Grzybowski

BIOGRAFIA

Francisco Alves Mendes Filho nasceu em 15 de dezembro de 1944, num seringal de Xapuri, Acre. Era casado com Ilzamar G. Bezerra Mendes e tinha dois filhos, Helenira, 4 anos e Sandino, 2 anos.

Era Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, membro do Conselho dos Seringueiros e da Central Única dos Trabalhadores — CUT, militante do Partido dos Trabalhadores, defensor ecológico da Amazônia. Em 1985, se tornou consultor do Banco Mundial e do Banco Interamericano para o Desenvolvimento, para projetos na Amazônia. Em 1987, recebeu o Prêmio Global 500, da ONU. Nesse mesmo ano recebeu uma medalha da Sociedade para um Mundo Melhor, em Nova Iorque. Em 1988 recebeu o título de Cidadão Honorário do Rio de Janeiro.

No dia 22 de dezembro de 1988, às 17:45h de uma quinta-feira, foi assassinado, na porta de sua casa, em Xapuri, Acre, o líder sindical, seringueiro e ecologista Chico Mendes.

INTRODUÇÃO

Basta! É o sentimento, é o grito engasgado, neste começo de 1989. Chega de morte anunciada, chega de morte por ganância e corrupção, chega de destruição e miséria, chega de projetos selvagens e holocaustos ecológicos; chega de governo omissivo e conivente com a morte e a destruição. Unamo-nos todos num grande empate! Construamos uma proposta alternativa!

É com tais sentimentos que organizei a entrevista do Chico Mendes e que escrevo esta nota introdutória.

Quem conheceu Chico Mendes jamais vai esquecê-lo. Homem de fala mansa, mas cheia de energia, envolvente pela convicção com que defendia as suas idéias. Personalidade marcante, que nunca abandonou seu jeito simples de seringueiro, de homem da floresta. A entrevista que Chico Mendes concedeu é uma história de vida, de trabalho e de luta, com seus companheiros do movimento de seringueiros. Mais que isto, é uma história de luta em defesa da Amazônia e dos povos da floresta, como ele mesmo a caracterizou. Trata-se de um relato vivo, palpitante, de alguém que amava a vida, os seus companheiros, o meio em que vivia.

As lutas de resistência nos **empates** e nas organizações dos seringueiros, as lutas em defesa da Amazônia e pelas reservas extrativas, com a fé de quem sabia que cumpria uma missão histórica, forjaram a fala do Chico Mendes. Ele sabia — sua luta lhe ensinou — que defendendo os meios de sobrevivência sua e dos companheiros seringueiros estava se unindo a muitas outras, estava defendendo um patrimônio ecológico que interessa aos povos da floresta, a nós brasileiros, a toda humanidade. O relato de Chico historia o processo de construção de um basta coletivo à destruição, à miséria e à opressão nos fundões de Xapuri, apontando alternativas.

O infame assassinato de Chico Mendes pela mão armada dos latifundiários do Acre, em 22 de dezembro de 1988, transformou este seu depoimento em uma espécie de testamento político. A morte, que ele previu, denunciou e procurou evitar, pegou-o em plena consolidação e reconhecimento como líder seringueiro e como ecologista. Chico falava para nós e por nós. Por isto, todos os que lutamos contra a miséria, a destruição e a opressão fomos atingidos pelos chumbos da espingarda assassina. Mas Chico morreu. A sua morte não será inútil se preservarmos vivos as suas idéias e o seu exemplo.

A herança política, que Chico Mendes legou, dificilmente pode ser avaliada porque, seringueiro alfabetizado por volta de 20 anos de idade, não foi um homem de letras, mas um homem de ação e de palavra. Em face da violência armada liderou um movimento com formas pacíficas de luta. Ao desmatamento antepôs a reserva extrativista. Para acabar com a escravidão nos seringais lutou pelo trabalho livre e solidariamente organizado. Chico trabalhador, Chico ecologista, Chico pacifista: poderia alguém ser mais representativo dos movimentos libertários do mundo contemporâneo?

Ele nos legou um movimento. A vida e agora a sua morte o transformaram em uma bandeira fincada na floresta amazônica, símbolo que sintetiza lutas, fé e esperança em um mundo melhor, tanto para os povos da floresta como para todos nós, cidadãos do mundo.

Sentindo-me participante deste mesmo movimento geral, procurei organizar a história de Chico Mendes sobre o movimento muito concreto, com raízes em Xapuri, no Acre, mas se difundindo nos varadouros da Amazônia. A minha raiva e emoção pela morte do companheiro podem estar distorcendo as suas idéias, o que ele quis realmente dizer.

A entrevista obedeceu a um roteiro preestabelecido e visava dissecar o movimento dos seringueiros. Foi realizada em Xapuri em dois momentos: em novembro, antes das eleições, e no início de dezembro de 1988. A gravação com a respectiva transcrição das fitas (2 horas e meia, ao todo) chegou às minhas mãos no sábado anterior ao assassinato de Chico Mendes.

As oito partes em que divido o relato obedecem à própria ordem do roteiro da entrevista. Acontece que Chico fez relações, associou fatos, acrescentou tópicos em diferen-

tes momentos. Meu trabalho foi, em grande parte, procurar juntar estas idéias. No essencial, o texto é a fala do Chico. Mas fala escrita. Conscientemente evitei a transcrição literal. Também procurei dividir frases muito longas. Isto pode ter deturpado o seu pensamento. Os títulos são meus. Como qualificam o conteúdo tratado, revelam a minha leitura e a minha apropriação da fala do Chico Mendes. Acrescentei algumas notas de pé de página para informar o leitor sobre aspectos subentendidos.

Na leitura e armação que faço da fala de Chico Mendes algumas questões políticas acabam se destacando. A Amazônia e o seu povo são as mais salientes. Para um brasileiro "sulista", a Amazônia aparece como um problema, como região de conflitos, região marginal. Sem dúvida, os conflitos sociais adquirem nesta região uma dimensão sem igual. Mas logo se percebe a riqueza de vida que a floresta abriga. Chico Mendes ajuda neste sentido. Mas foi em nome do problema da marginalidade, do vazio, do uso dos recursos à nossa mão, que nos gabinetes da ditadura se formulou um particular projeto de modernização da Região Amazônica. Aí o capitalismo selvagem se atribuiu uma tarefa de destruição da selva e da vida humana e natural que ela contém.

Nada como a ilustração da antiga moeda de 500 cruzeiros para revelar a farsa ideológica e a armadilha que caímos enquanto sociedade. Com seus mapas representando um Brasil que caminha galhardamente das colônias da segunda metade do século XVI ao projeto de integração nacional da Transamazônica dos 1970, a nota revela a tragédia da Amazônia e a nossa tragédia coletiva. A nota não existe mais, consumida no desmando, na inflação, na dívida, etc. de que foi protagonista enquanto expressão monetária. Não durou uma década, como não foi necessária uma década para a floresta estuprada, devastada e ardendo em chamas, nos alertar para o abismo que tudo isto nos conduzia.

Nos idos dos 70, montou-se a "operação amazônica". Ao mesmo tempo em que, através do Exército, foi enfrentada a guerrilha no Araguaia, criaram-se incentivos fiscais, instituições e projetos — agropecuários, de mineração, de colonização — para promover o chamado desenvolvimento da Amazônia. A guerrilha acabou em 73. A guerra econômica apenas havia iniciado.

Os fronts desta luta econômica e seu poder destrutivo estão aí. Não vê quem não quer: o Complexo Carajás, a

conflagrada região do Bico do Papagaio, Conceição do Araguaia, São Félix, o Projeto Jari, a Transamazônica, a Serra Pelada e o desesperado garimpo ao longo dos rios amazônicos, as hidroelétricas de Tucuruí e Balbina, o Projeto Agropecuário para o Acre, etc.

Na situação específica do Acre — terra de Chico Mendes — apoiando-se na estratégia mais geral de ocupação da Amazônia e nos instrumentos fiscais e creditícios então criados, ainda no início dos 70, foi formulado pelo governo local o "Projeto Oeste". O projeto procurou mudar a base produtiva e social do Acre, facilitando a apropriação e uso das terras pela agropecuária. Por trás da proposta havia o diagnóstico de uma estrutura econômico-extrativista em crise e a condenação à marginalidade e exclusão definitiva dos trabalhadores e habitantes da floresta.

É neste contexto, de início da "recolonização" do Acre, passando da economia da borracha para o boi, que entram em cena atores não convidados: os seringueiros. Os desmatamentos para formar pastagens empataram, em parte, na tenaz resistência destes homens filhos da floresta. Isto em meados dos anos 70. É deles, do movimento deles, que Chico Mendes nos fala, ele enquanto ator desde a primeira hora. As vitórias deste movimento tornaram-se mais evidentes nos anos recentes quando começaram a empatar os empréstimos externos destruidores, em particular aqueles do BIRD destinados ao asfaltamento das BR's, que são vias de penetração até o coração do Acre dos projetos agropecuários consumidores da floresta.

O que nos legou a "guerra" pela ocupação da Amazônia? Destruição e morte! Mais de 200km² de matas consumidas pelo fogo diariamente. Reinventou-se a escravidão na Amazônia. A "operação amazônica" revelou que, para preservar seus interesses, os mais modernos empresários — industriais, banqueiros, agricultores — não hesitam em usar os mais tradicionais métodos latifundiários de violência e morte, com uso de jagunços e milícias privadas. Não é por nada que a Amazônia, em particular, é um território da UDR.

Com base em sua experiência de empate, na resistência aos desmatamentos, os seringueiros nos propõem uma alternativa para a Amazônia e para si mesmos, para a sua sobrevivência: as reservas extrativistas. Trata-se de preservar a floresta, os rios, os animais, respeitar a natureza como espaço e

parte da própria vida. Mas trata-se, também, de desenvolver uma economia adaptada, não destrutiva, capaz de garantir a riqueza material dos povos da floresta. Todos temos a ganhar com isto. Perdem os grandes grupos econômicos e os latifundiários, tanto pelo fato que a natureza passa cada vez mais a ser vista como patrimônio coletivo cuja exploração não pode obedecer a lei do lucro, como por restringir o negócio especulativo da terra, limitando o poder discricionário dos proprietários sobre homens que da terra dependem para viver. A proposta de reserva extrativista é um autêntico projeto de reforma agrária, adaptado às características naturais, econômicas, sociais e culturais da Amazônia.

Conscientes de sua missão, os seringueiros se organizam hoje no Conselho Nacional dos Seringueiros, com a tarefa central de defesa da Amazônia. Procuram transformar-se no movimento dos povos da floresta, aliando índios, seringueiros e outros trabalhadores extrativistas. Até nisto eles anunciam uma nova era. Até hoje e em particular durante a "operação amazônica", os grupos e forças sociais dominantes, fomentaram a luta entre diferentes segmentos de dominados, de excluídos, nos fundões da floresta: seringueiros contra índios, índios contra castanheiros, colonos contra índios, garimpeiros contra colonos e índios, e assim por diante. A luta em defesa da Amazônia está gerando um movimento de unidade, de construção de uma nova identidade social, lá na floresta mesmo, incompreensível aos gestores do Estado que divide e separa. Por acaso os nossos burocratas entendem o significado da "aliança dos povos da floresta"?

Esta questão levanta outra: parafraseando um ministro brasileiro, será que a poluição do progresso resolve a poluição da pobreza? Na Amazônia, como em outros lugares deste país, o que se fez e se faz em nome do progresso não só não está resolvendo a pobreza — pelo contrário, a está agravando — como são os pobres que pagam o maior preço pela poluição e destruição ecológica gerada pelo dito progresso. Nos extremos, em Cubatão (em São Paulo) e em Xapuri (no Acre), são trabalhadores vivendo em condições miseráveis que pagam a conta pelo holocausto ecológico. A ecologia é resgatada pelos seringueiros em luta como uma questão coletiva de sobrevivência, de vida. Eles vão além e apontam uma alternativa que compatibiliza crescimento econômico com respeito à natureza. Chico Mendes deixou como desafio a idéia de que a economia extrativista é mais viável do que qualquer projeto agropecuário na Amazônia.

Os seringueiros e os povos da floresta, com sua aliança e sua proposta, revelam que a reforma agrária não é assistência social aos pobres e excluídos do campo, evitando sua lumpenização. A reforma agrária da reserva extrativista é uma alternativa de desenvolvimento, uma forma mais racional de gerar riquezas por ser menos destruidora, mais rentável e em proveito de quem trabalha e vive na floresta.

Este relato de Chico Mendes e em especial a sua morte desvendam as contradições e os impasses da sociedade brasileira neste final da década de 80. Está difícil de mudar, de tornar a relação social conflitiva o motor da nossa história, a forja modeladora da nossa sociedade. Para as nossas classes dominantes, em sua tradição e cultura política, não há espaço de ação para quem não se submete aos seus desígnios. Toda a reivindicação de direitos ainda beira a caso de polícia. Combinando autoritarismo e conciliação, ao longo de séculos, as elites das forças sociais dominantes pregam e praticam a exclusão política. Ser cidadão neste país não parece ser um direito, mas um privilégio. Até quando?

A sociedade civil insurgente está formulando um basta, está empatando isto aí tudo. Neste sentido o empate, no Acre, é um ato de defesa da floresta, de resistência e de afirmação da cidadania. A gente é levado necessariamente a fazer um paralelo entre o desenvolvimento do empate nos seringais do Acre com o desenvolvimento do empate na sociedade brasileira como um todo: assim como na floresta, também no resto deste país chamado Brasil, desde meados dos anos 70, vai contraditoriamente se desenvolvendo um movimento de resistência. Lá, à destruição do desmatamento. No conjunto, lá e aqui, à destruição do arbítrio e à opressão, ao capitalismo selvagem, à censura. Sem dúvida, nossos empates coletivos nas matas, nas fábricas, nos canaviais, nos acampamentos dos sem-terra, nos sistemas de transporte, nas escolas, nas universidades, etc., não explicam por si sós o colapso da ditadura, mas ninguém duvida de seu caráter de resistência e embrião de uma nova sociedade civil no Brasil, base de um processo real de construção democrática.

Neste final dos 80 ainda a resistência — o empate — é a nossa arma. Mas nossa tarefa, como nos ensinam os seringueiros liderados por Chico Mendes, é construir uma alternativa, uma proposta capaz de superar esta "transição" da Nova República que nos conduz ao nada. Somos convidados, levados, impelidos até a nos engajar num grande empate. Resistir

é a lição de cidadania que nos deixou Chico Mendes, o homem da floresta. Mas o nosso empate, como aquele dos seringueiros, deve levar junto uma proposta alternativa de desenvolvimento, de democratização da sociedade brasileira. Na verdade, é uma disputa de hegemonia que nos propõe Chico Mendes a partir de sua experiência na floresta, nos movimentos de empates, na luta sindical, na luta política, no Conselho Nacional dos Seringueiros, nos debates em universidades, nas peregrinações pelos meandros burocráticos de Brasília, no BIRD e BID, na cruzada internacional em prol da Amazônia.

Na conjuntura em que vivemos, de inflação galopante e de um governo que não governa, porque ilegítimo, surge uma alternativa. As eleições de novembro de 1988 revelam de forma explosiva este fato. Na verdade, a alternativa está sendo construída desde o início dos 80. A rua, ou seja, o espaço de vida e trabalho, abrigou a insurreição cívica da Campanha das Diretas, em 84, revelando uma sociedade mudada, resistente e com propostas. A derrota de então não só afetou o novo, mas levou o velho a se renovar.

Em 88, já no início do período pós-Constituinte, parece que só então se liberam forças constituintes da sociedade brasileira, que viviam à margem, sem força para fazer valer propostas alternativas. Tais forças pouco ganharam no Parlamento Constituinte, mas ganharam nas eleições.

É a fé e a esperança que renascem. Fé e esperança no PT que foi também o PT do Chico Mendes. Mas não só no PT, como o próprio Chico nos alerta. Com base numa proposta alternativa, é necessário construir a aliança das esquerdas, sem preconceitos. O Brasil depende de um salto em nossa luta, capaz de desbloquear a situação de empate em que vivemos, integrando em um amplo movimento alternativo o conjunto dos povos da floresta social brasileira, com um projeto de sociedade livre, democrática e justa, assentada em bases técnico-econômicas não destrutivas da natureza.

Aqui cabe reconhecer que nenhum cenário que aponte para o Brasil em processo de democratização substantiva — com consolidação de instituições e processos políticos democráticos e também transformações nas relações sociais para uma efetiva participação das maiorias no trabalho e nos seus frutos — não pode prescindir dos atores sociais que, com sua obstinação e luta, se fazem presentes. Neste sentido, os que

foram destinados a serem marginalizados e excluídos, ao se insurgirem, ao se organizarem e ao lutarem revelam que são parte de um mesmo todo, determinantes ao seu modo da forma e da direção em que anda o todo. Os seringueiros de Xapuri, Brasília, Assis Brasil, Cruzeiro do Sul, Tarauacá, das florestas distantes do Amazonas, de Rondônia, do Pará e do Amapá, os castanheiros, os posseiros, os colonos e seus irmãos dos diferentes povos indígenas, todos habitantes da floresta amazônica, com sua luta se colocam na frente de batalha pelo novo Brasil. No script original do Brasil Potência, integrador da Amazônia, lhes cabia um mero papel de composição de um cenário folclórico. A sua capacidade de luta os lança de dentro da floresta na vanguarda da luta por uma proposta alternativa de desenvolvimento, de democracia. Mais ainda, são eles que desvendam o caráter retrógrado, autoritário, violento e criminoso das frações de classes dominantes, seus administradores e funcionários, e dos aparatos de Estado, que se apresentam como modernizadores da Amazônia.

Os excluídos economicamente se reintegram pela via política. Mas para isto pagam um enorme preço, com a própria vida, muitas vezes.

A morte de Chico Mendes como de muitos outros neste nosso Brasil do final do século XX, foi uma morte anunciada. Foi um crime político. Na face agrária da sociedade brasileira reina a violência, a impunidade, o arbítrio. A propriedade privada da terra — legal ou forjada — está acima da lei. No meio rural brasileiro prosperam ainda os senhores do atraso, donos de terras, bois e homens. Seus jagunços e milícias privadas se articulam, através dos proprietários latifundiários, com os aparatos do Estado, em particular com os órgãos de segurança e o Judiciário. Por isto, nas áreas rurais de Norte a Sul, mas em especial no Nordeste e na Amazônia, lutar por direitos, ser líder de trabalhadores rurais, ser dirigente, se opor à destruição dos grandes projetos, é ser um "cabra marcado pra morrer", como lembra bem o filme de Coutinho.

Aí não há como fugir de um julgamento da UDR, exatamente a entidade responsável e expressão política disto tudo. Claro que sempre é necessário alguém muito concreto, de identidade definida, para puxar o gatilho assassino.

Mas a questão da violência e morte no campo — como o assassinato de Chico Mendes — não podem ficar restritos a uma questão criminal. A questão é sobretudo política.

Pelo que parece — e isto já é um progresso — no caso da morte de Chico Mendes vão encontrar e prender pistoleiros e mandantes imediatos. A pressão da opinião pública internacional e nacional o exige. Talvez até haja processo e condenação dos pistoleiros e seus chefes, criminosos de aluguel. Mas aqui cabe perguntar: quem e como vai ser condenada a UDR? Qual será sua pena? E a Secretaria de Segurança do Acre? A Polícia Federal? O Judiciário? O próprio Ministério da Justiça pela sua omissão? Enfim, quem e como vai ser julgada a política de devastação da Amazônia?

A raiva e a emoção não são boas conselheiras. Por isso não avanço nesta questão hoje. Penso, contudo, que cabe a nós todos nos engajarmos em um processo de *empate* no campo, particularmente contra a ação da UDR. Chega de arbítrio, prepotência, violência e morte. Desvendar a forma como a UDR criou a sua base social de apoio, analisar suas formas de organização e luta, explicitar suas contradições, acompanhar sua ação no campo, são umas tantas tarefas de pesquisa de primordial importância política.

Tudo isto salta aos olhos nas entrelinhas do relato de Chico Mendes sobre o movimento dos seringueiros. A sua linguagem, o seu modo de perceber e explicar, a forma de relatar a história pessoal e do movimento nos convidam à luta. É o que sinto.

Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1989

Cândido Grzybowski

I NA ORIGEM, UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA DE SERINGUEIROS AOS DESMATAMENTOS

O Conselho Nacional dos Seringueiros surgiu de uma preocupação que nós, os seringueiros, tínhamos desde 1976 quando começamos o movimento de **empate** das derrubadas, movimento de resistência contra os grandes desmatamentos. Os momentos marcantes foram exatamente os enfrentamentos do movimento, a resistência dos seringueiros. As lutas contra os grandes desmatamentos foram momentos de grande expectativa. Em várias discussões, em várias reuniões, para avaliar cada momento de resistência, sempre se chegava à conclusão de que a única forma que se tinha era, através da mobilização, conseguir o fortalecimento do seringueiro na resistência contra o desmatamento.

Isto durou de 1976 até 1984, mais ou menos. A gente levou esses anos todos na resistência.

O sindicato de Brasília e a importância da liderança de Wilson Pinheiro

Com Wilson Pinheiro na direção do sindicato de Brasília, este movimento de **empate** se generaliza por toda a região. É um momento muito importante, 1978, 1979. Wilson Pinheiro consegue liderar o movimento. Isto faz com que o sindicato de Brasília seja considerado um dos sindicatos mais fortes naquele momento, inclusive com reconhecimento em nível nacional pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura.

Em 79, Wilson Pinheiro teve a capacidade de organizar um grupo de 300 homens seringueiros e levou-os à Boca do Acre, no Estado do Amazonas, pra expulsar um grupo de pistoleiros que estava ameaçando posseiros naquela região. Wilson Pinheiro conseguiu, com esse grupo de companheiros, tomar mais de 20 rifles automáticos que os pistoleiros mantinham em Boca do Acre. O Wilson conseguiu liderar esse movimento. Tomaram as armas dos pistoleiros, deixaram os posseiros daquela região em paz e quando chegaram em Rio Branco entregaram as armas ao comando do Exército. Depois, o comando do Exército ficou bravo com eles por achar que eles queriam transformar isto numa nova Cuba. O Wilson dizia: "não, nós estamos querendo evitar que isso aqui se transforme numa Cuba". Ninguém foi armado, o pessoal foi só de facão e foice e conseguiu desarmar os pistoleiros.

Naquela época isto criou uma repercussão muito grande, uma preocupação muito maior para o latifúndio. Por causa disto, em junho de 80, os fazendeiros de toda a região se reuniram secretamente em assembléia pra decidir o que fazer com esse movimento de resistência dos seringueiros. A decisão foi que a solução pra resolver este problema seria mandar matar Wilson Pinheiro e também mandar matar alguém aqui em Xapuri, que poderia ser eu. Foram contratados dois pistoleiros, cada um ganhando Cr\$ 400.000,00, pra matar Wilson e matar alguém aqui em Xapuri. Isso seria uma forma deles ficarem livres, acabar com o movimento e então poder continuar com os grandes desmatamentos.

O assassinato de Wilson Pinheiro: repressão e refluxo do movimento

Os fazendeiros, portanto, se reuniram e decidiram contratar os dois pistoleiros. Na noite do dia 21 de julho de 1980, um dos pistoleiros se deslocou pra sede do sindicato de Brasília e conseguiu assassinar Wilson Pinheiro, às 7:30h da noite, na sede do seu próprio sindicato. Um outro pistoleiro se deslocou nessa mesma noite para Xapuri e não encontrou ninguém. Por sinal, nós nos encontrávamos numa assembléia sindical no Vale do Juruá.

Mataram Wilson e os trabalhadores ficaram em desespero. Tentou-se fazer com que a Justiça punisse os assassinos. Os trabalhadores deram um prazo de 7 dias. Infelizmente, a Justiça, naquele momento, naquela época de ditadura, fez

vista grossa. O único delegado de polícia que demonstrou interesse em apurar o crime foi afastado pela Secretaria de Segurança do Estado.

No sétimo dia, os seringueiros, desesperados, sentindo que não iam ter nenhuma resposta por parte da justiça, se deslocaram para uma fazenda a 80km de Brasília e foram emboscar um dos fazendeiros, um dos mandantes da morte de Wilson Pinheiro. Este fazendeiro era um que, pelo menos, já estava claro que tinha sido dos que participaram de toda a articulação do assassinato de Wilson. Os trabalhadores submeteram o fazendeiro a um julgamento sumário e a decisão foi pelo seu fuzilamento. E, de fato, foi fuzilado. Recebeu 30 a 40 tiros.

Os trabalhadores lavaram o peito, pois achavam que a morte de seu líder, pelo menos em parte, estava vingada. Mas, aí, a Justiça funcionou desta vez, de uma forma muito brava. Durante 24 horas dezenas, centenas de seringueiros foram presos, torturados, alguns de unha arrancada com alicate. A Justiça funcionou porque tinha sido uma reação do pequeno contra o grande.¹

O movimento, de certa forma, sofre uma derrota em Brasília. Com toda a repressão que houve, o movimento teve uma recuada. Surge, então, a necessidade de se levar o movimento pra frente, a partir de Xapuri. A fundação do sindicato de Xapuri se deu em abril de 77. Com muito sacrifício a gente conseguiu se organizar. Houve uma pressão muito forte liderada pela Igreja local, pela classe média e pelas autoridades do município. Mesmo assim, os seringueiros tinham uma grande ânsia de haver alguma mudança, de se ver livre da pressão e das ameaças a que eles estavam submetidos naquele momento. Então fundou-se o sindicato em 77, baseado nas experiências de Brasília. O pessoal começou devagarinho, mas começou a se organizar pra lutar contra os grandes desmatamentos.

¹ No dia 29 de julho de 1980, em protesto contra o assassinato de Wilson Souza Pinheiro, foi realizado um ato público em Brasília. Participaram do ato, entre outros, o José Francisco da Silva, Presidente da CONTAG, o João Maia da Silva Filho, Delegado da CONTAG para o Acre e Rondônia, o Luís Inácio Lula da Silva e Jacó Bittar, líderes sindicais de São Paulo, e Chico Mendes, líder sindical e vereador de Xapuri. Em função da sua participação neste ato, todos foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional pela Justiça Militar, mas acabaram absolvidos.

Após o assassinato de Wilson Pinheiro, esse movimento passou a ser liderado a partir de Xapuri, só que com uma preocupação bem presente. O movimento deveria passar por uma discussão muito maior e uma preparação muito maior para não se repetir o que aconteceu em Brasília. Quando mataram Wilson, como ele centralizava todo o poder, toda a resistência em suas mãos, houve uma recuada. Aqui em Xapuri a gente se propôs a fortalecer mais as bases, para que o movimento tivesse uma sustentação maior.

A partir daí, os seringueiros de Xapuri começaram a mostrar o exemplo de resistência e de luta contra os grandes desmatamentos. A cada luta, a cada movimento, a gente avaliando e sempre descobrindo que aquela era a única forma de se continuar resistindo. Então surgiu uma proposta do sindicato de Xapuri de realizar um trabalho de educação popular pra facilitar mais o desenvolvimento da luta, a aproximação e a adesão maior dos trabalhadores. A gente enfrentava muito problema por causa da questão de consciência dos trabalhadores; estão há mais de cem anos aí, sem escola, sem coisa nenhuma, com uma lavagem cerebral imposta pelo domínio dos patrões seringalistas. As pessoas ficam com aquela mentalidade de escravo mesmo e não avançam muito na luta. A partir de 79 começa a se articular a possibilidade de educação popular e aí se desenvolve um processo que começa a dar certo, a fortalecer muito mais o movimento dos seringueiros em Xapuri.

Surge o Conselho Nacional dos Seringueiros como base de uma alternativa para o movimento

Então, chegou o momento em que começamos a nos preocupar, porque a gente tinha uma luta, uma resistência contra o desmatamento, mas ao mesmo tempo não tinha uma proposta alternativa a apresentar, um argumento mais forte para justificar por que queríamos defender a floresta. A história do Conselho Nacional de Seringueiros começa exatamente com a preocupação que a gente começou a enfrentar na luta contra o desmatamento, na busca de uma proposta alternativa pra garantir a floresta amazônica. Daí, surgiu uma idéia, entre algumas pessoas, alguns assessores do sindicato de Xapuri e no próprio sindicato, de se organizar um Encontro Nacional de Seringueiros ou de levar uma comissão de seringueiros a Brasília pra discutir algumas coisas. Essa comissão seria uma comissão ampla, de toda a Região Amazônica.

Nesse momento, a Mary Allegretti² trabalhava no INESC,³ em Brasília, e topou a idéia, gostou muito da idéia. Em maio de 1985, eu fui a Brasília e tive uma reunião com o pessoal do Ministério da Cultura, do Pró-Memória. A minha preocupação era encontrar o apoio financeiro para a realização do encontro. Enfim, o INESC, o Pró-Memória e outras entidades, também, assumiram. Inclusive a OXFAM, uma agência inglesa, decidiu ajudar financeiramente o encontro.

Este seria o Primeiro Encontro Nacional de Seringueiros. Nunca os seringueiros tinham ido a Brasília reivindicar os seus direitos. Mas por que em Brasília? Porque Brasília é o fórum, é o centro das decisões do país, e mesmo porque em Brasília se sabia que a maioria das autoridades achava que a Amazônia era uma floresta vazia, que não morava mais ninguém lá dentro. E nós queríamos mostrar que a Amazônia tem habitantes, tem trabalhadores, tem seringueiros, tem gente morando, que a floresta não está vazia. O importante neste encontro é que haveria a possibilidade de criar uma entidade, ou pelo menos se tentar criar, descobrir alguma alternativa, inclusive para justificar e fortalecer mais o movimento de resistência contra o desmatamento.

A gente marcou pra outubro de 85 a realização do Encontro Nacional dos Seringueiros. A partir da minha volta de Brasília, nós criamos uma comissão organizadora composta pelo Sindicato, pelo Projeto Seringueiro⁴ e outras entidades. Mary ficou agilizando toda esta questão em Brasília. Vários companheiros foram deslocados pra vários locais estratégicos da Amazônia pra conversar com os seringueiros e divulgar a questão do encontro.

² Mary Helena Allegretti é antropóloga, autora da tese "O seringueiro: um estudo de caso num seringueiro nativo do Acre". Nos últimos 10 anos, grande parte da vida profissional de Mary foi dedicada ao movimento dos seringueiros de Xapuri e de toda a Região Amazônica. Chico Mendes faz constantes referências na entrevista à assessoria de Mary.

³ Ver glossário das siglas em anexo.

⁴ O Projeto Seringueiro surgiu em 1981, por reivindicação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri junto ao CEDOPE — Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, entidade não-governamental de assessoria existente em Rio Branco, na época. Trata-se de um projeto de educação popular. A participação de Mary Allegretti na formulação do projeto e obtenção do financiamento inicial da OXFAM foi decisiva. Hoje, o Projeto Seringueiro conta com recursos do MEC, Secretaria Estadual de Educação/AC e da Coordenadoria Ecológica de Serviços, além do apoio técnico do CEDI — Centro Ecológico de Documentação e Informação e do CTA — Centro dos Trabalhadores da Amazônia.

Finalmente, em outubro de 1985, nós conseguimos reunir 130 seringueiros de toda a Região Amazônica, em Brasília. Esse encontro contou com a participação de observadores, tanto a nível nacional, como internacional. Durante os dias, nas discussões que transcorreram em Brasília, no final, nós descobrimos uma proposta que seria a criação da reserva extrativista na Amazônia. Com esta proposta nós passamos a ter uma alternativa econômica para justificar nossa luta contra o desmatamento. A partir daí, a idéia pegou, pegou de cheio.

Logo em seguida, em janeiro de 1986, uma comissão de índios e seringueiros foi a Brasília. Foi uma comissão histórica, pois pela primeira vez também os índios e as lideranças indígenas se juntaram pra ir a Brasília reivindicar os seus direitos. Fizemos encontros em vários ministérios e órgãos — no IPEA, no Ministério da Agricultura, da Indústria e Comércio, na SUDHEVEA, na SEMA — onde tentamos jogar a discussão. Fomos também ao MIRAD e INCRA onde, naquele momento, existia um grupo de pessoas confiáveis, se não me engano sob a direção de Dante de Oliveira (que apesar de não ter sido um bom ministro, mantinha elementos muito bons no MIRAD). Com isto foi criado o primeiro grupo de trabalho para discutir e aprofundar a questão da reserva extrativista na Amazônia. A grande verdade é que a idéia pegou de cheio.

Já no I Encontro tinha sido criada uma diretoria provisória do Conselho Nacional dos Seringueiros. O Conselho foi sendo instituído aos poucos. Obtivemos seu registro em Rio Branco. Agora nós estamos numa campanha de preparação do II Encontro Nacional, que está previsto para a primeira quinzena de março, onde será eleita a diretoria definitiva do Conselho. Quero dizer que o Conselho está criado. Mas, apesar de já ter o seu estatuto, já estar registrado, ainda tem uma diretoria provisória.

II HOJE, UM MOVIMENTO AMPLIADO E COM UMA PROPOSTA ALTERNATIVA AOS DESMATAMENTOS NA REGIÃO AMAZÔNICA

Em outubro de 85, nós conseguimos realizar, com grande sucesso, o I Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília e, aí, surgiram idéias interessantes. É a partir daí que a luta dos seringueiros começa a ser divulgada para o mundo inteiro.

A criação de reservas extrativistas na Amazônia como alternativa ecológica e econômica

Descobrimos que para se garantir o futuro da Amazônia era necessário criar a figura da reserva extrativista como forma de preservar a Amazônia, mas como forma econômica, como proposta econômica ao mesmo tempo. Esta é uma discussão que ainda tem que ser aprofundada mais um pouco. Agora, o que nós pensamos inicialmente? Nós entendemos, os seringueiros entendem, que a Amazônia não pode se transformar num santuário intocável. Por outro lado, entendemos, também, que há uma necessidade muito urgente de se evitar o desmatamento que está ameaçando a Amazônia e com isto está ameaçando até a vida de todos os povos do planeta. A gente pensou inicialmente em criar esta alternativa de preservação da floresta, mas uma alternativa ao mesmo tempo econômica. Então pensamos na criação da reserva extrativista.

O que nós queremos com a reserva extrativista? Que as terras sejam da União e que elas sejam de usufruto dos seringueiros ou dos trabalhadores que nela habitam, pois não são extrativistas só os seringueiros. Nessa região o seringueiro

é ao mesmo tempo castanheiro, mas em outras regiões tem o castanheiro, tem os trabalhadores de babaçu, tem outras espécies de trabalhadores extrativistas, o pessoal que trabalha com a juta, enfim, tem várias espécies de trabalhadores extrativistas na Amazônia.

Bom, o que a gente quer exatamente? Lutar, mesmo sabendo que existe uma ameaça pela frente, lutar pelo fortalecimento de uma política de comercialização e garantia de preço pra borracha. Lutar por uma política de melhor comercialização e de melhores condições pra produção da castanha. Mas lutar, também, para que o governo dê prioridade à industrialização e comercialização de outros produtos que existem na floresta, que até hoje não tiveram nenhuma prioridade, que até hoje o governo não se preocupou com essa questão. Nós temos infinidades de riquezas naturais na mata. Produtos vegetais que nem a tucumã, que tem óleo importante. Nós temos papauá, que tem óleo importante. O açaí também é um outro produto importante. A copaíba, a babaça, o babaçu, a pupunha têm importância muito grande. Enfim, a abelha nativa que nós temos na mata, que pode se pensar, o governo pode, até mesmo, quem sabe, as universidades, elas podem muito bem pesquisar, isto, como vamos criar a cortiça, aproveitar essas abelhas, tem milhares e milhares, milhões no meio da mata produzindo mel nativo. Se pode pensar numa alternativa de melhorar toda essa produção, como também tem outras questões. A própria questão da pesca pode ter uma nova política, de não depredação, com exploração do peixe de forma racional. Nós temos uma variedade enorme de árvores medicinais nessa floresta que pode ter uma importância muito grande para o país, basta que haja pesquisa. Eu acho que é um papel muito importante também das universidades não só do Acre, mas de todo o Brasil, se envolverem nesta área de pesquisa na Amazônia. Eu acredito que se acontecer, se o governo levar isso a sério, em 10 anos tenho certeza que a Amazônia será uma região riquíssima e que terá uma importância muito grande para a própria economia nacional.

Os seringueiros adquirem nova identidade social com a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros

Por que surgiu a idéia da criação do Conselho Nacional dos Seringueiros? Porque nós descobrimos que existe o Conselho Nacional da Borracha que é composto simplesmente por fazendeiros, industriais e que não existe nenhum serin-

queiro lá dentro. Então por que nós não criamos uma entidade para se contrapor a toda essa burocracia, a toda essa enrolação do governo para com o seringueiro? Foi consenso no I Encontro a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, com uma comissão provisória.

O Conselho Nacional dos Seringueiros não pretendia e nem pretende ser um sindicato paralelo, mas uma entidade de seringueiros, porque os seringueiros nunca foram reconhecidos como classe. Os sindicatos surgiram com uma importância muito grande, num momento muito importante. Mas os sindicatos dos trabalhadores rurais congregam seringueiros e ao mesmo tempo os agricultores, os peões, os trabalhadores de fazenda, os diaristas, qualquer que seja o trabalhador rural. As outras classes todas têm o seu reconhecimento como classe, o seringueiro não. Parece uma coisa que foi do passado e que não existia mais. Então, uma das razões do Conselho Nacional dos Seringueiros é fazer reconhecer o seringueiro como uma classe que já deu a sua contribuição, que luta e que tem uma luta importante, luta por um objetivo muito importante que é a defesa da Amazônia. Esta idéia pegou bem.

Um movimento de aliança dos povos da floresta

Uma outra preocupação nossa era tentar uma aproximação com as lideranças indígenas, pra se unificar esse movimento, já que durante séculos os seringueiros e os índios viveram num confronto permanente. Juntos chegamos à conclusão, através da direção do Conselho Nacional dos Seringueiros e das lideranças indígenas, que nenhum de nós foi culpado por esses confrontos. Culpados foram exatamente os grandes seringalistas, os banqueiros, enfim, os grandes interessados em nos explorar. Esta consciência começou a crescer rapidamente e foi a partir de janeiro de 86 que começou a se fortalecer o movimento de aliança dos povos da floresta, que hoje já está mais ou menos definido.

Hoje, a proposta é uma proposta conjunta de índios e seringueiros. É a luta, o movimento dos povos da floresta. Isto é muito interessante. Quando o Ministro da Agricultura viu chegar um grupo de índios e seringueiros no seu gabinete ficou espantado: "Como pode acontecer? Os índios e os seringueiros brigam, brigam desde o século passado. Como é que chegam agora juntos?" Nós colocamos pra ele que hoje estamos entrando numa nova realidade e isso significa o

fortalecimento da luta em defesa da Amazônia. Isso foi uma coisa que chamou muito a atenção.

Difusão geográfica e social do movimento

O movimento começou a partir do Sindicato dos Seringueiros de Xapuri, dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, e começou exatamente a partir de Xapuri porque daqui é que estava surgindo a maior resistência dos seringueiros. Agora, hoje não pode ser mais um movimento que possa ser identificado como de Xapuri. Hoje o nosso objetivo é ampliá-lo pra toda a Amazônia, pra toda Região Amazônica, mas a sua origem foi exatamente a luta dos seringueiros de Xapuri.

Para o I Encontro houve a adesão de um grupo de trabalhadores de Brasília; de quase todos os municípios do Acre teve participação de seringueiros; também de Rondônia, do Estado do Amazonas, do Amapá e do Sul do Pará. Os últimos seringueiros que ainda existem no Pará também compareceram. Foi um movimento organizado a partir de, e liderado pelos seringueiros de Xapuri, pela sua resistência, e que contou com a participação de todas as lideranças de seringueiros da Região Amazônica.

A partir de Xapuri, nós tivemos uma preocupação mais urgente que foi a organização dos seringueiros em Brasília e Assis Brasil, tendo em vista a possibilidade futura do asfaltamento da BR-364 e a saída da estrada para o Pacífico. Também por causa da BR-317, pois nós sabemos que com a possibilidade de asfaltamento destas estradas fica muito mais presente a especulação da terra, a ganância dos fazendeiros em tomar estas frentes, nas imediações do trecho destas estradas aqui pra cima. Então, foi uma necessidade urgente expandir esse movimento para Brasília e Assis Brasil. Depois, nos preocupamos em organizar o movimento no Vale do Juruá por causa também do esquema de escravidão em que vivem os seringueiros daquela região. O movimento também tem preocupação com Rondônia por causa da devastação da floresta, que está cada vez mais ameaçada. Por outro lado, também no Amazonas há um trabalho de formiga que está sendo realizado, por causa da grande escravidão em que se encontram os seringueiros naquela região mais distante, naqueles rios mais distantes do Estado do Amazonas. No princípio, o movimento mais atuante, que se fortaleceu muito mais rápido, se expandiu mesmo em direção do Vale do Acre, subindo o Rio Acre.

Hoje, nós já temos oposições sindicais ou sindicatos aliados. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília não apóia o nosso movimento, mas a nível de oposição sindical nós temos um grande apoio. Nós temos o sindicato de Assis Brasil, que está sendo criado por nós mesmos, também dando apoio. Temos o sindicato de Feijó, que está entrando. Também o de Plácido de Castro. Nós temos apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Amapá (Macapá), temos, também, o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Araguaia. O de Marabá está tentando aproximação com a gente. Enfim, de vários segmentos e grupos, de outros sindicatos temos recebido solidariedade.

Eu acho que um dos apoios mais importantes que o movimento conquistou foi o apoio das populações indígenas. Isto pra nós, pra luta, para a questão da aliança da floresta, foi muito importante. Os contatos com os povos indígenas, este ano, têm tido um avanço considerável. Por exemplo, houve um Encontro Municipal de Seringueiros de Tarauacá que contou com a presença de 200 índios. Foi composta a comissão de seringueiros de Tarauacá com a participação de 6 índios. Os índios começam a fazer parte das comissões de organização do Conselho Nacional dos Seringueiros. Em Cruzeiro do Sul, aproximadamente 200 índios também participaram ativamente do movimento e agora eles estão assumindo toda a proposta, a elaboração da proposta conjunta do Conselho dos Seringueiros e a UNI. De modo que os índios, este ano, tiveram uma participação muito interessante até nos empates. Aqui em Xapuri, eles mostraram a sua presença. Vieram, trouxeram a sua solidariedade, participaram. Está havendo um entrosamento, no momento, muito bom a nível de lideranças indígenas no Acre.

III

A EXPANSÃO DO MOVIMENTO FERE PODEROSOS INTERESSES, GERA OPOSIÇÃO VIOLENTA E DESVENDA AS CONTRADIÇÕES DO ESTADO

Nós não temos dúvidas de que temos uma oposição muito forte pra enfrentar. Além da política dos grandes latifundiários, dos grandes empresários que hoje dominam a Amazônia, nós temos o poder dos constituintes que votaram contra a reforma agrária. Esse poder do Parlamento dificulta muito o nosso avanço porque fortalece o crescimento da UDR a nível nacional. Nós entendemos que com a derrota da reforma agrária na Constituinte vamos ter que enfrentar uma barreira enorme, feita pelos grandes latifundiários e pela política de especulação da terra na Amazônia. Com essa estória de que as grandes propriedades não podem ser desapropriadas, eles vão justificar que são propriedades produtivas. Com a criação da UDR no Acre, principalmente, nós temos convicção que temos uma luta muito grande pela frente, porém, nós estamos convictos também que hoje, mais do que nunca, o nosso movimento está se fortalecendo a nível nacional.

A UDR no centro das forças sociais que combate o movimento

No Acre se percebe que a UDR agora, já no seu primeiro leilão, se identifica como uma entidade fortíssima. Nós sabemos que o objetivo da UDR no Acre, o alvo dela — segundo nos informaram pessoas que participaram das reuniões realizadas para estruturar a UDR como entidade no Acre — é o sindicato de Xapuri. Para a UDR a questão mais importante é

combater a base da organização dos seringueiros de Xapuri. Na avaliação dela, combatendo e derrotando esta base de Xapuri é possível ela conseguir impor suas condições, em toda a região do Acre e também na Amazônia. Isso, inclusive, me foi confidenciado, um dia, pelo próprio governador do Estado. Ele acha que a UDR é uma inimiga muito forte, que está se organizando a nível de Acre, principalmente este ano. Pra se ter uma idéia, foi depois do lançamento da UDR no Acre que começaram a ser derramadas as primeiras gotas de sangue de trabalhadores em Xapuri.

Além da UDR, nós temos outros poderes muito grandes pela frente. Um é o próprio poder do Parlamento conservador, o Centrão. Enfim, enfrentamos o poder de todos, dos industriais que não se interessam, etc.

Hoje, por incrível que pareça, nós temos um aliado, estão começando a aparecer alguns aliados, mas que também não podemos confiar. São os usineiros. Os usineiros do Acre são ao mesmo tempo madeireiros e por este lado eles representam um perigo. Mas como a borracha, a exportação da borracha, gera um lucro muito grande pra eles, também eles agora estão tentando uma aliança com o Conselho Nacional dos Seringueiros, principalmente comigo, no sentido de lutarmos juntos para que a SUDHEVEA não seja extinta. Aí a gente fica numa situação meio complicada porque, por um lado, nós temos que defender o interesse do nosso seringueiro e nós sabemos, por outro lado, que a extinção da SUDHEVEA pode representar um perigo para a própria comercialização da borracha, a exportação da borracha da Amazônia. Bem ou mal, apesar de todos os seus erros, de todos os seus desmandos, a SUDHEVEA hoje aparece com uma proposta de mudança, tentando realmente melhorar o sistema de comercialização de borracha da Amazônia. É nesta questão que os usineiros estão nos propondo aliança. Os usineiros da borracha estão nos propondo um trabalho conjunto para se evitar a extinção da SUDHEVEA⁵ na Amazônia.

⁵ A SUDHEVEA é um órgão federal, criado nos anos 40, durante a guerra mundial, para revitalizar a produção brasileira de borracha nos seringais nativos da Amazônia. Foi a época dos "soldados da borracha". Até o ano passado, a SUDHEVEA mantinha uma série de serviços para a área de seringais, em particular nos campos de saúde e abastecimento. Estes serviços foram extintos e a SUDHEVEA, subordinada ao Ministério de Indústria e Comércio, tornou-se quase exclusivamente um órgão fixador de preços da borracha e agente controlador da comercialização e exportação. Desde meados dos anos 70, a direção do órgão tem sido ocupada por representantes das forças dominantes do complexo da extração da borracha no Acre.

Porém, os latifundiários do Acre de modo geral, dentro dos grandes e médios empresários da região, não só do Acre mas da Amazônia, eles estão se preparando inclusive pra resistirem contra toda essa bandeira de luta do Conselho Nacional dos Seringueiros. E a única alternativa, a única arma com que nós contamos é a pressão da sociedade brasileira e a pressão da comunidade científica internacional.

Governo: discurso ecológico e prática de apoio aos grandes projetos de desmatamento

Em princípio teve alguns momentos que houve um avanço considerável do envolvimento do governo na questão ecológica, no Conselho Nacional dos Seringueiros, na luta dos seringueiros. Mas, em seguida, nós começamos a desconfiar e começamos a descobrir que o governo do Estado estava fazendo um discurso ecológico pra justificar a aprovação de seus projetos nos bancos internacionais ou junto às organizações internacionais. Isso foi mais ou menos o que deu para se entender.

Não dá pra se entender que o governo seja ecológico, que defenda a ecologia, que seja contra o desmatamento, e que ao mesmo tempo esse mesmo governo mande a polícia armada para proteger o desmatamento, como aconteceu no Seringal Equador, numa área do maciço de castanhais e de seringueiras. O governador foi advertido várias vezes, inclusive por mim pessoalmente. Cheguei a convidá-lo a ir verificar a área. Consegui dizer pra ele que ele estava se precipitando em tomar uma atitude. Foram desmatados 50ha de floresta virgem. Graças à pressão, já nesse momento, a pressão internacional, através de dezenas, e centenas de telegramas que o governador recebeu de entidades a nível nacional e internacional, foi que a gente conseguiu a retirada da polícia do local. Com isto se evitou que mais de 300ha de floresta fossem desmatados. Naquela área desmatada, na safra passada, os seringueiros colheram 1.400 latas de castanha, uma grande produção. Desafiamos o fazendeiro daquela área e o próprio governador a computar a renda anual de 1ha de terra naquela área, comparando a renda de 1ha da área transformada em pasto com a renda de 1ha da mesma área virgem, com castanheiras, seringueiras e outras árvores. E eles não quiseram aceitar esse desafio porque nós iríamos provar que o lucro de 1ha de floresta daria 20 vezes mais valor anual do que os bois ali dentro.

Existem uma legislação federal e o IBDF que deveriam proteger a seringueira e a castanheira

Aí está a gravidade da situação. Nós invocamos o decreto, a lei 7.511, de 30 de julho de 86, e a portaria nº 486, de 28 de outubro de 1986, que proíbem o corte e a comercialização de castanheira e seringueira e, também, proíbem seriamente o desmatamento em vertentes. No seringal Equador havia duas vertentes dentro da área de derrubada. Mesmo assim, a legislação foi totalmente desrespeitada. Inclusive, após o segundo movimento de resistência, quando os seringueiros empataram aquela desmatação, o agente local do IBDF foi lá e sem fazer nenhuma fiscalização, de uma forma arbitrária, deu a licença para o fazendeiro desmatar, concedeu a licença sem nem um plano de manejo. Uma nova legislação, uma outra portaria que eu não lembro o nome, diz que pode ser feito o desmatamento até 50ha de floresta sem ser preciso apresentar um plano de manejo florestal, mas lá adiante ela torna a reafirmar que, mesmo assim, fica expressamente proibido o desmatamento em área de maciço de castanheira, seringueira e vertentes. Nenhum dos itens desta lei foi respeitado. Inclusive o próprio governador não levou isto em consideração. Jamais o próprio IBDF.

Bom, existe um relacionamento bom com a FUNTAC que é um órgão do governo. A FUNTAC é dirigida por um grupo de pessoas que, até o momento, têm tido um relacionamento razoável. São pessoas que realmente conhecem a dura realidade em que vive o seringueiro e sabem o problema que cria o desmatamento. Eles têm um profundo conhecimento desta questão. Eles têm sido um pessoal que tem conseguido, de uma certa forma, remediar a situação.⁶ Entretanto, apesar desse bom relacionamento que hoje temos com a FUNTAC, que é um órgão do governo, nós não temos mais confiança no governo. Não dá pra confiar num governador que se diz defensor da floresta e que manda a polícia garantir desmatamento. Este é um problema muito sério. Se há pressão em cima dele é porque ele é o governador. Ele tem que usar seu poder de governo. Se ele usar o seu poder a favor dos

⁶ O grupo a que Chico Mendes se refere na FUNTAC — Fundação de Tecnologia do Acre, procura buscar uma resposta à devastação da floresta. O grupo elaborou uma proposta de utilização racional da madeira, partindo da premissa de que o Acre tem uma vocação silvicultora. Chico Mendes era muito vinculado ao grupo.

trabalhadores, com certeza ele vai contar com o apoio dos trabalhadores. Mas um governo que dá um discurso no Japão, que dá um discurso no Rio de Janeiro, em defesa da floresta, mas aqui manda a polícia garantir o desmatamento, não dá para confiar. Um governo que, inclusive, desrespeita, fere a legislação vigente no país.

Oposição político-ideológica à proposta do movimento

O movimento tem sido combatido de diversas formas, combatido com vários argumentos. Os grandes latifundiários dizem que preservar a Amazônia é atrasar o progresso, é prejudicar a economia do país, que a borracha não representa quase nada pra nossa economia e que o progresso está na criação de bois, isso e aquilo outro. Por outro lado, existe também a pressão daqueles que acham que a Amazônia é um vazio imenso, que não tem ninguém, que ela precisa ser explorada. Existem vários argumentos assim, muito reacionários, para nos combater. E existe, também, toda uma política contra a justificativa que o seringueiro apresenta. Agora, apesar disso, a própria imprensa em nível nacional começa a despertar para uma nova consciência de defesa da Amazônia. Mas nós não nos defrontamos com argumentos muito sérios.

Quanto ao argumento de que o estado precisa produzir alimentos, eu acho o seguinte: existe no Acre um espaço muito grande pra se produzir alimentos. Cadê os grandes projetos de colonização que existem aí? Basta que o governo leve em consideração, que crie uma política agrícola para o pequeno produtor, que o Acre e a Amazônia — inclusive já têm espaço definido — são capazes de garantir toda a produção de alimentos. Nós não estamos dizendo para o seringueiro que a Amazônia vai ficar intocável. Não. Nós também temos uma proposta para produzir. Os seringueiros e os índios sempre produziram a sua cultura de subsistência, mas nunca ameaçaram a floresta amazônica. Quem ameaça a floresta amazônica são os grandes desmatamentos feitos pelos grandes fazendeiros pra colocar o boi ou, muitas vezes, pra fortalecer a sua política de especulação de terras. O que se vê aqui, em Xapuri, sem falar em outra região da Amazônia, é que os caras, por exemplo, desmatam 10 mil ha; em 5 mil ha eles plantam capim e os outros 5 mil ha viram um capoeirão. O objetivo é fortalecer a política de especulação de terras.

A violência e os outros meios utilizados pelos que combatem o movimento

Primeiro eles usam todo o poder econômico que eles têm, todo o recurso. Usam também a política de suborno às autoridades, principalmente ao IBDF. Sabe-se que a maioria dos agentes do IBDF na Região Amazônica são subordinados a esta política do grande latifúndio e abrem mão de tudo para o grande desmatamento. Eles usam também a legalidade da lei, justificam a garantia policial porque são proprietários de terras e que estão se sentindo feridos na sua propriedade quando os seringueiros partem para impedir os grandes desmatamentos. Eles recorrem ao poder judiciário que os atende de uma forma legal, segundo as leis deles, pra que eles tenham proteção e possam garantir o desmatamento nas propriedades, que eles consideram propriedades privadas. Entretanto, quando eles chegaram aqui, os seringueiros já estavam há séculos. De 86 pra cá diminuiu um pouquinho a pressão policial porque hoje nós apresentamos argumentos positivos. Nossos empates, nossos movimentos, são legais porque nós estamos simplesmente querendo que se respeite a lei, a legislação. Quando nós vamos impedir um desmatamento, a primeira coisa que nós temos como argumento é a lei, é a legislação florestal, que está sendo ferida. Então, nós evocamos o respeito à proteção da lei.

A outra forma que eles têm, que é a mais eficiente, é jogar pistoleiros pra ameaçar os trabalhadores. As principais lideranças, não só eu, mas também outros companheiros, este ano foram bastante ameaçados, inclusive estão na lista negra do esquadrão de assassinio apoiado pela UDR. Aqui em Xapuri, quem comanda esse esquadrão é seu Darli Alves e seu Alvarino Alves, proprietários da Fazenda Paraná e de outras fazendas que já existem por aí afora. Este pessoal comanda hoje um grupo de aproximadamente 30 pessoas. Nós estamos falando 30 porque nós tivemos a oportunidade de contá-las aqui na cidade, rondando pela cidade. Alguns dias você encontrava 23 pessoas juntas. Teve dia deles pararem o trânsito na cidade, com todo mundo desfilando no meio da rua. Os carros vinham e paravam. Não podiam passar, tinham que respeitar. Só agora mudou porque nós conseguimos no Estado do Paraná uma ordem de prisão, em Umuarama, contra os dois. Mas não sei quem, se a polícia federal ou quem, conseguiu avisá-los. O fato é que eles se encontram foragidos e com o argumento de que só se entregam depois de verem meu cadáver.

Quer dizer, a ameaça é também pela violência. Nós temos certeza que daqui pra frente vai ser o argumento principal dos grandes latifundiários. Vão nos combater pela violência, com ameaça e com violência. Disto não temos dúvida nenhuma. Hoje, em Xapuri, no Acre, começa a existir o mesmo movimento do sul do Pará. A violência que existiu no sul do Pará, e que continua existindo, vai começar também no Acre, pelo o que está se vendo.

A omissão e a conivência da justiça com os latifundiários

Até o momento, a justiça sempre está do lado do maior. Um dos problemas, um dos pontos mais fracos com que nos defrontamos é a própria justiça. Muitas vezes recorremos ao apoio da justiça e a justiça, inclusive este ano foi claro, ficou do lado dos latifundiários. Foi tão claro que ela se negou a aprofundar o inquérito para punir os pistoleiros que invadiram o acampamento dos seringueiros no IBDF, no dia 27 de maio de 1988. Todo mundo sabe, inclusive os depoimentos foram dados na delegacia de polícia, quem foram os pistoleiros que atiraram. Foram reconhecidos e são bem conhecidos. Mas na justiça esconderam estes inquéritos. No caso da morte do Ivair — uma das coisas mais claras que existem em Xapuri — a gente sabe quais foram os mandantes. Não sabemos quem matou, mas sabemos quais foram os mandantes. Sabendo quais foram os mandantes está descoberto o assassino. Quem mandou matar Ivair foi o candidato do PMDB, o senhor Cícero Tenório Cavalcanti. Isto foi dito em praça pública, isto foi comprovado por todo mundo, disto foi feito depoimento na delegacia de polícia. Mas até hoje esse inquérito não foi levado em consideração e nem sequer o candidato sofreu impugnação da justiça. Nós achamos um problema muito grave.

IV

A ORGANIZAÇÃO INTERNA, AS FORMAS DE LUTA E AS FRENTES DE AÇÃO DO MOVIMENTO

O nosso objetivo é chegar um dia a realizar um **empate** com a participação e a resistência em toda a Região Amazônica. A nossa expectativa em fazer que um dia tenhamos capacidade de nos organizar e de, ao mesmo tempo, levantar todos os seringueiros da Amazônia, porque nós entendemos que não adianta acreditar, por exemplo, que a nível de governo a gente possa contar com o apoio mais necessário. A única coisa com que nós contamos é com a nossa força de organização e nós entendemos que o futuro do Conselho Nacional dos Seringueiros e o futuro da reserva extrativista vão depender do grau de organização, de resistência dos seringueiros da Amazônia.

**Contra as mais variadas adversidades
o movimento vai ampliando suas bases**

O Conselho Nacional dos Seringueiros parte do grupo que ele tem de dirigentes, que é o meu caso aqui em Xapuri, o Osmarino em Brasília, Macedo em Cruzeiro do Sul, Raimundo Barros também aqui em Xapuri, Jaime no Amazonas.

O Conselho hoje tem algumas bases de apoio, apesar de ainda de estar muito aquém das nossas expectativas. A base principal de apoio é Xapuri, sem dúvida alguma, com o sindicato; Outras bases são: a Comissão Municipal dos Seringueiros de Brasília, liderada por Osmarino; a Comissão Municipal de Seringueiros em Assis Brasil, liderada pelo Sandoval

Batista; a Comissão Municipal de Seringueiros de Feijó, liderada pelo companheiro Juarez; em Tarauacá, pelos companheiros da diretoria do sindicato; em Cruzeiro do Sul já compondo com as lideranças indígenas e com a participação do companheiro Macedo; em Caruari, no Amazonas, com a participação de José Seringueiro e o companheiro Manuel Esteves, que também atua numa base de apoio da Igreja de Caruari; no Guaripoa, no Amazonas, são os companheiros Osmar Vale e o Roberval; no Amapá, o companheiro Saulo Ramos, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais daquela região. Então são núcleos de apoio com que o Conselho Nacional dos Seringueiros conta em vários pontos da Amazônia. O nosso objetivo é em todos os recantos da Amazônia criar núcleos. Em Rondônia, por exemplo, está se tendo os primeiros contatos. A base do apoio de Rondônia são a Ana Maria e a Aparecida, que pertencem ao Instituto Estadual de Floresta, mas já sabemos que em Costa Marques, em Vila Murtinho (RO) e no Vale do Guaporé estão se preparando grupos de base de apoio para estruturar o Conselho Nacional dos Seringueiros da região.

Semestralmente, a direção do Conselho se reúne com os seus assessores. O ponto básico de apoio e divulgação, hoje, o ponto estratégico mesmo do Conselho na questão da divulgação e propagação de todo o movimento, é o Instituto de Estudos Amazônicos, composto pela companheira Mary Allegretti, pelo Paulo Chiesa, pela companheira Bia e por vários outros companheiros que compõem o grupo de técnicos do Instituto. Hoje eles fazem uma articulação a nível nacional e internacional com relação ao Conselho Nacional dos Seringueiros.⁷ Inclusive recebemos a assessoria do companheiro Mauro Almeida, da Universidade de Campinas.

Uma das formas que nós temos para a organização do Conselho e a ampliação da luta é provocar discussão com grupos de seringueiros, principalmente nas comunidades já organizadas. Em Xapuri nós temos 30 bases organizadas, 30 delegacias sindicais, que ao mesmo tempo são bases de susten-

⁷ O IEA — Instituto de Estudos Amazônicos, é uma organização não-governamental criada em outubro de 1986, com sede em Curitiba, Paraná. Ele surge do trabalho de técnicos na Região Amazônica, liderados por Mary Helena Allegretti. O IEA sucede o CEDOPE — Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia na assessoria ao movimento dos seringueiros. O Instituto se engaja também na divulgação do movimento e na formulação de propostas técnicas e politicamente viáveis de desenvolvimento com base na sua vocação agroextrativista da Região Amazônica.

tação do Conselho Nacional de Seringueiros. Em Brasília também temos isso. Em Assis Brasil temos isso. Nosso objetivo daqui pra frente é fazer uma discussão com esses grupos de companheiros, lideranças de base que já existem, e lutar pra conseguir recursos pra que, então, essas lideranças distribuam tarefas entre elas pra um trabalho de formação em toda a Região Amazônica. No momento a situação ainda é difícil porque o Conselho Nacional dos Seringueiros, além da dificuldade de material humano pra se envolver mais no movimento, nós temos as dificuldades da região, da distância entre nós, e a falta de comunicação que nós temos uns com os outros companheiros.

Apesar da violência que enfrentam, os seringueiros desenvolvem formas pacíficas de luta

Até o momento nós levamos esse movimento de uma forma pacífica, criamos um tipo de movimento pacifista. Nós pretendemos levar isso até o último instante. Se for preciso algum dia resistir de outra forma é porque seremos obrigados a fazer pela própria circunstância imposta, pelo sistema e pela política do grande latifúndio.

Os empates são feitos através de mutirões dos seringueiros. A medida que os seringueiros tomam conhecimento de que têm companheiros ameaçados pelo desmatamento, que uma área está sendo ameaçada pelo desmatamento dos fazendeiros, se reúnem várias comunidades, principalmente a comunidade afetada, organizam-se assembléias no meio da mata mesmo e tiram-se lideranças, grupos de resistência que vão se colocar diante das foices e das motosserras de maneira pacífica, mas organizada. Tentam convencer os peões, que estão ali a erviço dos fazendeiros, a se retirarem da área. Em seguida, os seringueiros costumam desmontar os acampamentos e forçar a retirada dos peões. Muitas vezes são atacados pelas forças de segurança, porque os fazendeiros sempre recorrem judicialmente, pedem o apoio policial. Sempre contam com esse apoio, o que ocasionou muitas prisões.

O interessante é que o empate é composto de homens, mulheres e crianças. As mulheres sempre costumam sair na linha de frente, como bandeira, pra evitar que a polícia possa atirar. No momento que a polícia pensar em atirar na gente, ela vai ter que atirar primeiro numa criança ou numa companheira de um seringueiro.

Até o momento, nosso movimento é pacífico. Tentamos vencer e lutar com a não-violência. O movimento acha que ainda é possível se criar fatos políticos e resistir pacificamente. Quando nós temos 100, 200 companheiros na luta de empate enfrentando as motosserras e as foices dos peões da fazenda, ao mesmo tempo, nós temos uma equipe pra transmitir o que está acontecendo pra todo o país e, posteriormente, para o exterior. Este é um dado que nós estamos jogando agora. Quer dizer, daqui pra frente nós vamos ter equipes de resistência organizada nas áreas do desmatamento, uma equipe aqui em Xapuri que fica transmitindo pra todo canto do país e pra nível internacional o que está acontecendo naquele momento, pedindo solidariedade, e uma equipe que fica trazendo, comunicando, que fica fazendo a ligação entre o movimento de resistência e a equipe de apoio na cidade. Então essa é a base que nós estamos formando.

Mas os fazendeiros usam da violência. Minha preocupação hoje é que eles mataram algumas pessoas, mas ainda não atacaram as nossas lideranças. O objetivo deles é começar pelos trabalhadores para depois, nós estamos sabendo, atingir outras lideranças. Eles atingiram esse ano, sim, uma liderança que já estava iniciando, dando seus primeiros passos, que era o Ivair. Através da Igreja ele estava se firmando aos poucos.

Não quero que isso aconteça, que morra alguém. Não interessa que eu morra ou um dos outros companheiros, porque acho que cadáver não resolve nada e porque eu sei que vai virar um inferno, sem dúvida alguma. Eles sabem muito bem disso. Nós não queremos que isso aconteça, vamos lutar pra que isto não aconteça, mas se for preciso, tenho certeza, nós temos 100, 150 ou 200 companheiros que podem partir para uma luta organizada e eliminar de uma vez. Mas aí vamos criar um banho de sangue nesse município, chamar a atenção da repressão e uma série de coisas. Não queremos que isso aconteça. Queremos combater a coisa da forma pacífica como estamos fazendo. Conseguimos desbaratar os grupos de assassinos com ordem de prisão. Basta agora que a Justiça assuma os seus compromissos, o seu papel de executar a lei. Nós entregamos nas mãos dela aqui. Isto foi bom porque com este trabalho nós estamos criando uma certa confiança na própria sociedade local. Hoje, por exemplo, recebo muita solidariedade de pessoas que nem se davam comigo. Pessoas da classe média hoje chegam e parabenizam pela coragem, pelo papel que nós tivemos ao tentar desbara-

tar o inimigo. Os caras não estão presos, mas eles estão derrotados, todo mundo está sabendo disso, porque eles estão sem moral.

O importante para nós, como tática, é criar sempre fatos políticos, porque nós achamos que com a pressão da imprensa, das entidades, hoje a nível internacional, é possível resistir. Nós avaliamos que não é o caso de partir para um confronto. Por exemplo, esse ano, no caso da Cachoeira, houve um momento numa assembléia muito agitada, em maio, que eu passei um apuro muito grande e se a gente não tem pulso forte eu não sei qual seria o nosso destino porque de repente, depois de muito confronto, de muito tipo de piquete, um grupo de companheiros decidiu que agora deveríamos levar a luta de uma forma mais radical e que se deveria partir para um confronto armado contra a polícia e contra os jagunços. Uma briga logo de frente a frente. E eu fiz essa assembléia temendo as consequências. Nós lançamos a proposta da necessidade que tínhamos de manter esse movimento de uma forma pacífica, pelo menos por enquanto, e mostrando qual seria a repercussão que nós iríamos ter fora, qual o apoio político que nós iríamos ter se a gente fosse radicalizar. Entretanto na assembléia, muito agitada, com 400 companheiros, ainda assim 85 votaram a favor do confronto armado. E a assembléia foi muito democrática, muito bem discutida, o restante votou pela continuidade do movimento pacífico.

Novas frentes de ação para fortalecer o movimento

A cooperativa é uma iniciativa, pode-se dizer, do próprio Conselho Nacional dos Seringueiros. A cooperativa surge da proposta de criação da reserva extrativista. Nós entendemos que na reserva extrativista uma das tarefas é de se tentar resolver o problema econômico dos seringueiros. Hoje há uma exploração muito grande, que contribui para o desestímulo e para o êxodo do campo pra cidade. Uma política estratégica do governo e dos grandes fazendeiros é deixar o seringueiro em total miséria, lá no meio da mata, para que ele desestímule e venha pra cidade. Qual é uma das responsabilidades, hoje, do Conselho Nacional dos Seringueiros? É lutar por melhores condições de vida para o seringueiro, para que ele cada vez mais sinta o estímulo de permanecer na floresta. Então, um dos objetivos é a criação da cooperativa. A criação da cooperativa começa a provar que é exatamente por aí a coisa, apesar de recém-estar dando seus primeiros passos. A

cooperativa tem lutado até agora com recursos próprios. Somente hoje, neste exato momento, é que a gente soube que um dos pequenos projetos foram aprovados. Um projeto de 5 milhões pra começar sua estrutura.

É uma cooperativa de produção e consumo, Cooperativa Agroextrativista, que tem de resolver o problema econômico dos seringueiros, mas também dar prioridade aos pequenos agricultores. O objetivo dela não é só ficar a nível de Xapuri, mas a nível de todo o Vale do Acre e depois se expandir pelo Acre e pela Amazônia. Sabemos que vai levar um tempo, mas nós vamos chegar lá.

Na questão da saúde, existia uma iniciativa do sindicato, em 85, no momento em que tínhamos um secretário de saúde que merecia uma certa confiança, que tinha um certo compromisso com os trabalhadores, principalmente com os seringueiros, como é o caso do Zé Alberto.⁸ Naquele momento, ele mantinha uma equipe de médicos também comprometida com a luta dos seringueiros, com a luta por melhores condições de saúde para os seringueiros. Durante um ano, um ano e meio, conseguimos construir 6 postos de saúde nos seringais, com agentes de saúde preparados e comprometidos. Os agentes de saúde também têm que ser pessoas comprometidas, lideranças da comunidade.

Infelizmente este trabalho não avançou porque, como nesse estado todas as pessoas sérias são perseguidas, Zé Alberto caiu e, juntamente com ele, caiu toda a sua equipe de médicos. Daí pra cá, nós sofremos um abalo muito grande, porque não conseguimos avançar. Mantivemos o trabalho porque os agentes são pessoas comprometidas. Alguns deles trabalharam três anos, sem ter nenhum contrato, sem ganhar nenhum tostão. Mas resistiram, provaram sua capacidade e hoje alguns deles têm contrato, ganham algum dinheiro. O problema mais grave é que se precisa de medicamento e de material pra se manter esses postos equipados, e só se consegue medicamentos com muito sacrifício, através do hospital. A prefeitura está controlando o esquema e não dá uma ampola nem uma pílula para os nossos postos de saúde. Assim mesmo, a nossa tentativa é agora partir da estruturação

⁸ Chico Mendes aqui se refere a José Alberto Lima, que foi Secretário Estadual de Saúde no Governo Nabor, no Acre. Enquanto Secretário, inovou com programas de saúde pública.

do Conselho e tentar buscar outras fontes de apoio, com projeto pra nós desenvolvermos, tocar pra frente.

As lições colhidas na prática

O movimento se desenvolveu, surgiu da própria necessidade. Talvez a gente foi aprendendo na prática, no dia-a-dia. Nós levamos muito tropeço nesta luta e fomos aprendendo. A gente, muitas vezes, é obrigado a se virar e ter que aprender a lutar por sua própria circunstância, pela própria situação em que se vive. Nós fomos obrigados a ter a nossa criatividade. O interessante é que isto foi uma coisa criada da nossa cabeça mesmo, em conjunto. Descobrimos que esta luta era uma alternativa, a única alternativa que tínhamos para resistir.

No dia 21 de julho mataram Wilson Pinheiro. Os seringueiros, os companheiros em Brasília, no dia 27 de julho, resolveram fazer justiça com suas próprias mãos. E justificaram o fazendeiro Nilo Sérgio, que era tido como um dos mandantes da morte de Wilson Pinheiro. Mas o que acontece com a violência policial, que ocorreu naquele momento, quando vários companheiros foram torturados? O movimento enfraqueceu, porque de fato não havia um preparo de base. A prova disso foi o enfraquecimento total do sindicato de Brasília.

A partir daquele momento, nós começamos a sentar em Xapuri e discutir esta questão. Eu trabalhava e vivia junto com o companheiro Raimundo Barros. Nós caminávamos juntos por toda esta região. Depois da morte de Wilson Pinheiro, quando eu tive que passar 90 noites dormindo em lugares diferentes, chegou um dia em que eu sentei com o companheiro Raimundo e disse o seguinte: "bom, a partir de hoje nós não vamos mais estar juntos, vamos escolher áreas e você vai assumir uma área e eu vou assumir outra. Agora, cada um de nós vai ter a missão e o compromisso de formar lideranças nas suas áreas de atuação. Por que vamos estar separados? Porque o inimigo pode nos pegar os dois — naquele tempo havia essa previsão — vai matar nós dois e com isto vai regredir o movimento. Então, se te matam, eu vou manter o movimento com outros companheiros, se me matam, você vai tocar o movimento com os companheiros. Daí pra cá nós nunca mais nos juntamos. Raimundo cuida da área dele e eu da minha. Acontece que de seis em seis meses ou de ano em ano eu visito a área do Raimundo e o Raimundo visita o outro lado, a minha área. Hoje é uma situação já solucionada, porque tanto o Raimundo tem vários companheiros combati-

vos na área dele, como na área que eu assumi tem outros grupos de companheiros combativos. De modo que eu viajo por aqui e fico sem muita preocupação.

Estas lideranças nem aparecem todas, mas no momento de resistência tem companheiro que sabe tocar o movimento. Posso até citar o nome de alguns. Por exemplo, na Cachoeira, nós temos o companheiro Manoel Custódio, uma liderança forte. Nós temos o Raimundo Monteiro, o Luis Tagino e outros jovens que estão se firmando como lideranças, com combatividade. Nós temos Miguel Mendes, na Cachoeira. Nós temos um outro rapaz, o João Teixeira, que tem uma capacidade incrível de luta, só que vendo não se dá nada por ele, mas é só conversar com ele que se percebe que o cara tem hoje uma base, um espírito de luta muito grande.

Então, isto foi fruto do avanço dessa resistência. A cada movimento, a cada luta, a gente vai avaliando e vai se aprofundando. A cada movimento, a cada resistência, a gente vai aprendendo. Isto é, ao mesmo tempo, uma escola de luta. A gente vai passando por ela no dia-a-dia, sabendo que existem conseqüências futuras, sabendo que qualquer um de nós, a qualquer hora, pode receber uma bala.

Todos os companheiros que estão envolvidos estão por um ideal e jamais estes companheiros vão voltar atrás. Jamais alguns destes companheiros, que hoje estão enraizados no movimento, pensam em voltar atrás. É uma questão de honra, é uma questão de compromisso. Ninguém pode trair o movimento. Qualquer companheiro que trair o movimento é considerado inimigo do grupo. Isto é muito bom porque todo mundo criou aquele amor, aquela luta, e hoje dificilmente o movimento vai se reverter, a não ser que matem todo mundo. Eu acho difícil. Hoje, pelo menos, eu não tenho mais aquele frio, eu não tenho mais aquele medo de morrer e o movimento parar. Hoje, qualquer um de nós que morrer não tem perigo, o movimento vai continuar e talvez com muito mais fortaleza. Essa é a grande vantagem de um compromisso.

Eu acho isso uma grande lição. Aprendemos isto com as derrotas que sofremos. Uma das maiores lições que serviram pra nós foi a morte de Wilson Pinheiro. Nós sabemos perfeitamente que, naquele momento, o movimento sindical do Acre estava reconhecido a nível nacional. Em 1980, Wilson Pinheiro se firmava como a maior liderança rural a nível nacional, pela sua combatividade, pela sua coragem. Mas o que aconte-

cia? A CONTAG tem um pecado muito grande na questão da estruturação sindical. A CONTAG não se preocupou em nenhum momento em organizar o movimento de base. Ela tinha um papel muito importante em criar um sindicato, ajudar o sindicato a se firmar, mas ela não se preocupou num trabalho de base, na preparação de lideranças, na criação de quadros. Isto foi um ponto fraco que os fazendeiros perceberam quando fizeram a reunião em junho e disseram: "nós matamos Wilson Pinheiro e Chico Mendes e acabamos com todo o movimento do Acre".

V

PROJETO SERINGUEIRO: A AÇÃO EDUCATIVA COMO ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DO MOVIMENTO

O trabalho de educação começou a dar seus primeiros passos a partir de 79. Em 80-81 a gente sofreu duras consequências. A partir de 82 ele foi melhorando. Começou o movimento de educação dos seringueiros, de educação de base, o movimento de organização de escola numa filosofia assim de educação popular, baseada na realidade vivida pelos trabalhadores. Este trabalho foi um trabalho lento, mas ele começou a contribuir muito para o despertar da consciência dos seringueiros. Esse é um trabalho que nós não podemos parar. É um trabalho de alfabetização popular que foi elaborado por pessoas ligadas ao Paulo Freire e pelo pessoal do CEDI. Foi exatamente a partir deste processo de preparação da educação, de alfabetização popular para o seringueiro, que o trabalho de consciência começou a se fortalecer muito mais.

A educação para o cidadão da floresta

Hoje, o Projeto Seringueiro que o Conselho Nacional dos Seringueiros está desenvolvendo tem como objetivo ensinar ao seringueiro a ter mais amor pela floresta, a aprender a viver com a realidade dele, a ter amor, a lutar pela floresta, enfim, descobrir que na floresta existem várias alternativas que podem usar, pode até aprender, fazer outras coisas mais importantes. É um processo lento, mas a gente vai chegando lá. Este Projeto ajudou muito na própria luta em defesa da floresta. Foi a partir desta educação, desta escola que até as

próprias crianças hoje estão muito mais sensibilizadas, participam, fazem questão de participar do movimento de resistência, dos **empates**, porque aquilo já é uma coisa que elas estão aprendendo na escola.

Inicialmente, o projeto foi exclusivamente para adultos. Só que os adultos começaram a reclamar e justificavam, devido ao trabalho do dia, ao cansaço, que não podiam estar estudando todos os dias, que o mais importante eram os seus filhos. Diziam que já estavam velhos, quase não aspiravam mais nada, mas o importante para eles era que os seus filhos estudassem e aprendessem alguma coisa. Eles conseguiram convencer a equipe coordenadora com os argumentos, de modo que o pessoal está elaborando um outro material, um material didático adaptado para as crianças.

Como eu vinha dizendo, os adultos acharam que seria mais importante os seus filhos estudarem. Eles já se consideravam pessoas idosas. Pra eles, o interessante era o futuro dos filhos. Então, a questão se aprofundou mais no problema do jovem e das crianças. Não se descarta também a possibilidade com os adultos, principalmente porque eles são comprometidos com a luta contra o desmatamento, têm que colaborar com seus exemplos para os filhos e com o próprio trabalho na escola, no sentido de ajudar esse processo de luta para que os jovens assumam. Hoje os jovens já têm uma participação razoável na luta, nos **empates** contra a derrubada, até na consciência política. É um negócio interessante. Mas é um processo lento, não é um processo rápido.

Isto já teve sua importância nas próprias lutas de Xapuri. Por exemplo, a conquista de Cachoeira, primeira reserva de Xapuri, que foi fruto de uma luta organizada, já foi decorrência deste avanço de organização dos seringueiros e também foi o resultado do trabalho educativo nas escolas da região.

Grandes necessidades e escassos recursos para desenvolver o Projeto

Inicialmente, quando foi pra organizar as primeiras escolas, a gente fez alguns projetos. Recebemos alguma ajuda da OXFAM. Inclusive, foi nessa época que os fazendeiros fizeram uma grande propaganda para os órgãos de segurança que nós estávamos recebendo dinheiro de Moscou pra organizar a guerrilha. Esta foi uma das razões da presença muito forte dos órgãos de segurança naquela época. Até 83, pelo menos,

foi muito complicado. A partir daí os órgãos de segurança perceberam, descobriram, que não era nada disto e o nosso trabalho continuou. Nós não nos intimidamos com tal fato, pelo contrário, à medida que a gente começou a ver a preocupação dos órgãos de segurança, a gente achou que alguma coisa estava dando certo.

A partir daí o trabalho avançou. Hoje, nós temos praticamente 18 escolas na região de Xapuri e pretendemos levar essa experiência pra todas as áreas onde o Conselho Nacional dos Seringueiros está se organizando, em toda a Região Amazônica. Este trabalho de educação vai contar para o avanço maior da consciência, dos trabalhadores conscientes na luta.

Hoje, existe um projeto para manutenção da coordenação do pessoal que atua no Projeto Seringueiro.

A equipe de coordenação do Projeto Seringueiro recebe uma ajuda da CESI. Com esse Projeto a gente conseguiu que muitos dos professores recebessem contrato. A grande maioria dos professores já tem contrato do governo, já recebe pelo Estado. A coisa foi avançando tanto que a própria Secretaria de Educação reconheceu que o pessoal merecia algum apoio. No ano passado fizemos um pequeno convênio, um projeto com o Ministério da Educação que foi aprovado em Brasília. Foram repassados recursos do governo pra construção das escolas. O volume total de dinheiro é muito pouco: Cz\$ 1.164.000,00 pra se construir 12 escolas. Isto só foi possível com a participação da comunidade. Os agentes do Ministério da Educação, que vieram fiscalizar as escolas, ficaram pasmados com o resultado. Disseram que nunca se viu em todo o Brasil, onde eles andaram, coisa igual. As prefeituras que receberam altos financiamentos não conseguiram construir um terço do que nós conseguimos construir com tão pouco dinheiro.

Infelizmente, não temos um apoio maior porque ao governo não interessa muito que o trabalhador seja politizado, porque ele sabe muito bem que, na medida em que o trabalhador se politiza, ele vai saber andar com seus próprios pés. Mas mesmo assim, o projeto de educação tem tido resultado positivo. Agradecemos todas as vitórias que nós temos hoje, esse avanço na luta contra o desmatamento e até mesmo a questão da cooperativa e o fortalecimento do sindicato a este processo de organização, a este trabalho educativo a partir das escolas.

VI CONSTRUINDO UMA REDE DE RELAÇÕES E APOIOS PARA O MOVIMENTO

O apoio mais importante que nós temos hoje é o apoio da comunidade internacional dos ambientalistas internacionais, da imprensa internacional. Depois — que infelizmente deveria ser o primeiro — é o apoio de vários segmentos da sociedade brasileira. Está chegando por último, mas poderia ser o primeiro. Infelizmente, só após a pressão internacional, o reconhecimento internacional, é que nós começamos a ganhar o apoio da sociedade nacional.

O Conselho Nacional dos Seringueiros em face de outras organizações e movimentos de trabalhadores do Brasil

A relação do movimento com outras organizações de trabalhadores anda um pouco fraca, a não ser com outras entidades que estão começando a se firmar, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Eles estão começando a perceber, a sentir, a se aproximar do Conselho Nacional dos Seringueiros. É um relacionamento que poderá ter uma importância muito grande para o futuro. Nós estamos tendo um bom relacionamento, hoje, com a Central Única dos Trabalhadores. Inclusive, em seu III Congresso Nacional, a CUT aprovou a tese nº 16 do sindicato de Xapuri. Foi uma tese de consenso que contou com o apoio, em nível nacional, de todos os trabalhadores que participaram do Congresso. É a tese sobre a campanha em defesa da Amazônia e a luta em defesa dos povos da floresta. Com a CONTAG não temos tido uma boa relação. A CONTAG não tem nos dado um apoio

maior, se bem que eles nos respeitam muito, apesar de saber que nós temos aproximação com a CUT e que não fechamos com a CGT. Mesmo assim a CONTAG tem um profundo respeito pelo trabalho da gente.

Na realidade, o nosso objetivo é manter um bom relacionamento com todas as entidades e sindicatos deste país. Nós não queremos discriminar ninguém, A ou B. Até mesmo o grupo da CGT que queira nos apoiar. Nós queremos fortalecer o movimento em defesa da Amazônia. Nós aceitamos qualquer apoio, qualquer aliança, desde que as pessoas tenham compromisso com esta luta.

Os partidos e o movimento dos seringueiros

O Conselho Nacional dos Seringueiros — inclusive isto foi defendido por mim em alguns seminários e grandes encontros de que eu participei no Rio de Janeiro, em São Paulo, e nos Estados Unidos, com estudantes, com ecologistas — pra ele poder se fortalecer, ele precisa ter uma posição suprapartidária. Ele não pode ser de um partido único, mas ele tem que contar com o apoio de vários partidos comprometidos com a luta dos trabalhadores.

Agora, infelizmente, nós temos companheiros candidatos só pelo Partido dos Trabalhadores. O Partido dos Trabalhadores tem sido o único partido, com todos os seus problemas, que tem dado maior cobertura, maior apoio à luta dos seringueiros. Nós temos simpatia por outros partidos de esquerda. Infelizmente, vivemos numa realidade muito séria nesse país que é a questão do preconceito. No trabalho junto com a Igreja nós enfrentamos um preconceito muito grande. Muitas vezes, eu acho, a gente poderia estar mais junto, não só com o PT, mas dando apoio, quem sabe, a outros partidos que têm uma tradição histórica de luta. Mas, vem por trás a questão do preconceito, que dificulta muito.

Eu, pessoalmente, tenho minha posição. Acho que o Conselho, pelo menos até o momento, tem que ter uma posição suprapartidária, aceitar aliados, desde que sejam comprometidos com a luta, seja do PT, seja do PCB, seja do PC do B, seja do PV, ou até mesmo do PDT, do PSB. Nós sabemos que do PFL, do PMDB e do PDS o apoio é muito difícil e será melhor evitar o relacionamento. Agora a nível de PSDB eu não conheço ainda bem, ainda desconfio muito, assim, da origem desse partido, não sei, mas...

Com outras tendências, mais de esquerda, é importante nossa aproximação. No Rio de Janeiro, por exemplo, quando cheguei lá, para ser criado um núcleo de apoio para os povos da floresta amazônica, fui aconselhado por alguns companheiros de esquerda para ter cuidado, para não entrar no tiroteio de outros partidos. Quando cheguei no Rio de Janeiro, havia uma briga do PT e do PV no sentido de me cooptar pra ser usado como bandeira. Não entrei no jogo e findei realizando uma palestra, num debate da ABI, juntando PV, PT, PSB, PCB, e outras pessoas independentes, todo mundo junto no movimento de apoio ao núcleo, de apoio aos povos da floresta. Isto foi muito interessante. Aí fiz o seguinte: visitei políticos do PT, do PCB, visitei o Milani — tive uma conversa com ele — visitei o pessoal do PV, o pessoal do PSB, o Saturnino Braga, que me recebeu muito bem. Isto tudo foi interessante porque fortaleceu o movimento.

O importante mas hesitante apoio da Igreja

O relacionamento com a Igreja tem sido considerável. Houve alguns choques, em certos momentos. Nós temos consciência de que a Igreja tem um papel importante, mas ela caminha até certo ponto, chega um momento em que ela não vai pra frente. Mas o espaço que ela dá é muito importante pra nós. Atualmente esse relacionamento tem se fortalecido novamente. Apesar de alguns declives que houve, agora a coisa está se fortalecendo. A própria Comissão Pastoral da Terra começa a dar apoio, a ter uma presença mais atuante. Durante algum tempo ela ficou um pouco vacilante com essa resistência dos seringueiros. Esse relacionamento com a Igreja é a nível de prelazia do Acre — Purus. Já o relacionamento com a prelazia do Vale do Juruá é outra coisa, porque lá é uma Igreja conservadora, temos um relacionamento muito bom e importante com a Igreja de Caruari, outra região do Amazonas.

Eu acho que o espaço da Igreja, este relacionamento com a Igreja tem sido muito bom porque existe uma tradição histórica. A Igreja não pode fugir deste compromisso. A partir de 70, a Igreja assumiu um compromisso muito grande. Nós nos fortalecemos juntos nesta luta dos seringueiros. Então, ela também não pode mais fugir desse compromisso hoje.

O movimento estabelece laços com a universidade e com a cidade

A classe urbana, ou mesmo a sociedade como um todo, nos deixou muito tempo alijados, escanteados. Nos últimos tempos, a partir da criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, a gente já começa a ter um apoio mais ou menos razoável por parte, por exemplo, da Universidade Federal do Acre, que é uma instituição que tem um peso político muito importante. Principalmente no ano passado nós tivemos muito apoio. Hoje nós contamos não com a universidade como um todo, mas com uma minoria dos professores, dos estudantes, através do DCE, pessoas comprometidas, que inclusive participaram de **empates** em Xapuri. Bem, nós não contamos nem com 30%, 40% do apoio. Nós entendemos que existe na universidade uma grande maioria de professores que se não estão ao lado da UDR, estão numa linha conservadora, pois até hoje se negaram a dar um apoio maior à luta dos seringueiros. Mas, pelo menos, já existe um grupo de professores ali dentro com o qual nós podemos contar. A nível de reitoria, nós tivemos certo apoio do reitor anterior e, não sei, possivelmente vamos tentar um apoio desse novo reitor que está entrando agora. É um tanto vulnerável esta solidariedade, mas está começando a crescer agora tal consciência com a própria organização dos verdes aqui no Acre.

Por incrível que pareça, um grande apoio que nós temos recebido é de universidades federais: de Brasília, agora a do Rio de Janeiro, onde foi criado um comitê de apoio aos povos da floresta amazônica. Contamos com o apoio de vários segmentos da sociedade carioca. Em São Paulo a mesma coisa. Eu estou sendo convidado, agora, pra dar palestras em várias sociedades, em várias universidades brasileiras: a USP de São Paulo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Fluminense, a PUC do Rio de Janeiro. Está se criando, está despertando uma consciência muito grande a nível nacional.

A fragilidade no "front" jurídico

Nós temos enfrentado muitas dificuldades com o apoio jurídico. A FETACRE, que devia nos dar proteção jurídica, infelizmente não deu, inclusive se negou. O seu advogado tem mais interesse em defender causas particulares de pequenos fazendeiros, que lhe rende alguns recursos financeiros. Nós

preferimos não contar com este apoio. Por outro lado, a nível de sindicato, nossa condição financeira é muito pequena e não tem estrutura para contratar um advogado.

A partir de julho de 88, com o apoio do Instituto de Estudos Amazônicos ao Conselho Nacional dos Seringueiros, nós conseguimos um advogado do Paraná, o Sr. Genésio Felipe, que agora começa a dar assessoria jurídica a todo o movimento, a nível de Acre.

Com os advogados daqui, infelizmente, nós não contamos. O único advogado de confiança que os trabalhadores tiveram aqui no Acre foi o Dr. Arquilau de Castro e que hoje é juiz de direito. O Estado do Acre tem dezenas de advogados formados, mas acontece que são filhos de fazendeiros e de outras pessoas que embora não sejam fazendeiros, não comungam com o movimento dos trabalhadores, são contra. São filhos de fazendeiros ou filhos de seringalistas. Então não contamos com o apoio de nenhum advogado desses.

Tivemos que lutar durante muito tempo, sem recursos, e mesmo com o apoio do IEA encontramos dificuldades para localizar este advogado, o Dr. Genésio. Ele assessoria o movimento dos seringueiros através do Conselho dos Seringueiros, dos sindicatos e da Comissão Pastoral da Terra do Acre. Então ele tem uma tarefa muito grande. O apoio jurídico é um ponto muito complicado.

Na busca de recursos financeiros o movimento diversifica as suas relações

A Christian Aid, uma organização inglesa de Igrejas resolveu financiar a cooperativa com um pequeno recurso. Pra nós um grande recurso, porque com 5 milhões de cruzados a gente vai poder melhorar o sistema de transporte dos seringais para os pontos estratégicos, onde os seringueiros vão levar a sua produção. Este projeto foi fruto de uma viagem que eu fiz a Londres e tive na sede da Christian Aid, no ano passado. Estive discutindo com eles a necessidade de recursos pra gente fazer alguma coisa. Veio um representante deles, exatamente no momento em que os seringueiros estavam resistindo. Ele ficou muito sensibilizado e resolveu aprovar um pequeno projeto, que é esse dinheiro que já chegou no Banco do Brasil, em Rio Branco. No mês passado, quando eu estive no Rio de Janeiro, fui ao BNDES. Fui muito bem recebido pela diretoria do BNDES, inclusive eles estão dispo-

tos a abrir uma linha de crédito pra cooperativa de Xapuri, pra construção de uma usina de beneficiamento de castanha, uma usina de beneficiamento de borracha, a compra de caminhão e, quem sabe, até de peladeiras pra apoio aos agricultores. O BNDES propõe o seguinte: num total de 100 milhões, nós pagaríamos 50 milhões com juros de 5% ao ano, mais três anos de carência e mais 4 anos de prazo para pagamento. Eu acho que é um empréstimo bom e acredito que vai dar certo.

Recentemente estive no escritório da Fundação Ford, no Rio de Janeiro. Eles prometeram que viriam aqui pra discutir alguns projetos. A gente já tinha encaminhado um projeto pra Fundação Ford, um projeto pedindo apoio. O responsável pelo setor de finanças, de Nova Iorque, veio aqui. Eles estão dispostos, a partir de março, a emprestar até 1 milhão de dólares, ou mais, para a estruturação da cooperativa. É um empréstimo em prazo razoável, de sete anos, eles não cobram juros muito altos, e cobram a correção monetária parcial, não acompanham todo o ritmo inflacionário.

No concreto, pessoas, grupos, órgãos e entidades se envolvem, se comprometem e ajudam o movimento

O momento marcante na história do movimento é a realização do I Encontro Nacional dos Seringueiros. Muitas pessoas, organizações e entidades participaram. É importante destacar as pessoas do Projeto Seringueiro, que trabalhavam com os seringueiros de Xapuri. Participaram na base do apoio: a Universidade Federal de Brasília — o reitor de Brasília deu uma importante colaboração —, o Pró-Memória, o INESC, a OXFAM, da Inglaterra e outras entidades. A própria Confederação Nacional dos Trabalhadores — a CONTAG, não apoiou politicamente o movimento mas contribuiu com alojamento para os seringueiros, em Brasília. O Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Acre, também participou. A prelazia do Acre, indiretamente, também deu sua contribuição. No momento, eu não me recordo de outras entidades que por acaso tenham dado apoio. Várias entidades apoiaram.

Hoje, um apoio estratégico para o Conselho Nacional dos Seringueiros, na questão da divulgação e articulação de todo o movimento, a nível nacional e internacional, é o Instituto de Estudos Amazônicos — IEA. O CEDI, também, é uma entidade que hoje está apoiando com toda garra o Conselho Nacional dos Seringueiros.

O CTA — Centro de Trabalhadores da Amazônia, é uma entidade que, desde os primeiros passos, ajudou na questão da educação dos seringueiros. Na questão da cooperativa ela tem uma participação importantíssima. Ajudou a coordenar e assessorar, com técnicos, com pessoas capacitadas, que hoje desenvolvem o trabalho em favor da cooperativa. Eu considero o Projeto Seringueiros e o CTA uma mesma família com o Conselho Nacional dos Seringueiros e o sindicato de Xapuri.⁹ Um relacionamento muito bom que nós estamos tendo é com aquela entidade, CNDDA — Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia, encabeçada pelo Orlando Valverde. Este é um dos movimentos com o qual a gente tem tido um relacionamento muito grande. Agora tem uma outra entidade, a FUNATURA. É um grupo no Rio de Janeiro que também está se reaproximando da gente. O Centro de Energia Nuclear da USP de São Paulo está tentando ter um relacionamento, procurando se aprofundar junto com a gente também. De imediato, são os grupos que estou lembrando, grupos com os quais temos um bom relacionamento. Eu esqueci de citar Fábio Feldman, um grande aliado. Nós temos profundo respeito por ele, pelo seu empenho na luta em defesa da ecologia. O Fábio Feldman é tido como um grande aliado nosso.

⁹ CTA — Centro de Trabalhadores da Amazônia é uma organização não-governamental fundada em 1985, com sede em Rio Branco e um núcleo em Xapuri. Tem prestado grande apoio ao movimento, especialmente ao Projeto Seringueiro, assessorando as escolas, produzindo material e avaliando.

VII CONQUISTAS, PROBLEMAS, ASPIRAÇÕES

Nossa luta tem uma perspectiva muito melhor daqui pra frente. Tudo que se fez até hoje, ao longo destes 15 anos, não significa nada, ainda é uma gota d'água no oceano. Se hoje temos umas áreas de reserva extrativista, em fase inicial, e temos algumas áreas indicativas, isto ainda não representa um por cento da necessidade dos povos da floresta em toda a Amazônia. Mas é por aí que nós estamos dando os primeiros passos. Nós estamos otimistas com o futuro desta coisa.

A reserva extrativista se torna realidade e o movimento tem repercussão internacional

Entre Brasília e Xapuri, de 75, 76, até hoje, nós realizamos 45 movimentos de empates. Nestes 45 movimentos nós tivemos aproximadamente umas 400 prisões, umas 40 torturas e companheiros assassinados também, mas isto fez com que mais de 1.200.000ha de floresta não fossem destruídos. A gente teve 30 derrotas e aproximadamente 15 vitórias neste movimento, mas valeu a pena. As primeiras conquistas, hoje, dos seringueiros, são as reservas extrativistas. E considero, também, a fundação de uma cooperativa, um dos primeiros passos no avanço de toda esta luta, pois ela vai resolver o problema econômico dos seringueiros, que ao longo dos anos ninguém resolveu. A cooperativa é organizada e coordenada pelos próprios seringueiros. Bom, a outra coisa que também nós achamos muito importante, fundamental, de toda esta

luta, é o reconhecimento que se conseguiu, um reconhecimento a nível internacional. Hoje, aos poucos, a gente está conseguindo também a nível nacional. Acho que um dos pontos fundamentais de toda essa luta é a divulgação e o reconhecimento que nós estamos tendo hoje. A partir daí, nós começamos a ter apoio, tanto a nível nacional como internacional, principalmente agora em 88. Isto resultou também na primeira vitória da reserva extrativista.

No dia 30 de junho de 88, a delegada regional do MIRAD batia com o pé e dizia que jamais o seringal Cachoeira seria desapropriado. Entretanto, 30 dias depois, saiu a portaria declarando que Cachoeira tinha sido desapropriado. Existe já outra reserva, no caso a São Luís do Remanso. É uma reserva de 40.000ha na divisa do município de Rio Branco, capital do Estado, com o município de Xapuri. Existe uma outra área para reserva, de aproximadamente 40.000ha, no município de Brasiléia. Já existe uma proposta, fruto da organização dos seringueiros em Assis Brasil de outra grande área. Existem áreas indicadas em Rondônia, no Estado do Amazonas e no Amapá, tudo isto fruto da organização do Conselho Nacional dos Seringueiros. Temos mais uma área no Acre, no município de Sena Madureira, que ainda não conhecemos. É da área do Matanã, com 60.000ha.

As conquistas são frutos desta luta, deste movimento organizado pelo Conselho Nacional dos Seringueiros. Foi exatamente o Conselho Nacional dos Seringueiros que conseguiu divulgar para o mundo inteiro a luta em defesa da Amazônia.

O que eu sinto é que os trabalhadores hoje, mais do que nunca, estão dispostos à luta. A coisa mais importante para estimular a continuidade deste movimento foi a vitória dos seringueiros da Cachoeira. Esta vitória da Cachoeira teve uma repercussão positiva pra toda a região, pois os seringueiros estão conscientes de que eles lutaram contra o grupo mais forte, com assassinos sangüinários. Os seringueiros tinham consciência que estavam lutando com o esquadrão da morte e mesmo assim não temeram. Tivemos dias em que contamos com 400 seringueiros reunidos. Por exemplo, no período de 18 de março até meados de abril, nós mantivemos piquetes no meio da mata com quase 400 homens, todos dispostos a não permitir a penetração de nenhum fazendeiro na região.

Os problemas a enfrentar são enormes

Atualmente, apesar da estruturação do Conselho Nacional dos Seringueiros, do seu trabalho, da sua organização, que começa a atingir os mais distantes recantos da Amazônia, nós temos uma longa tarefa pela frente. Estamos dando os primeiros passos. Temos muita coisa pela frente. Com a derrota da reforma agrária, nós sabemos que existe uma luta muito grande pela frente, apesar de existir hoje todo um movimento em defesa da Amazônia.

Nós enfrentamos o poder do latifúndio, que é um poder político muito grande. Enfrentamos, hoje, o poder da UDR que tem uma influência muito grande em todo o país, inclusive no próprio Parlamento, no Congresso. A própria derrota da reforma agrária foi fruto de um poder muito forte dos grandes industriais e dos latifundiários sob a orientação da UDR. Este é um problema fundamental.

Aqui em Xapuri, a presença da UDR já tem suas primeiras influências. Em abril, quando ela se instalou no Acre, começaram os primeiros ataques. A presença de grande número de pistoleiros em Xapuri, companheiros que foram feridos a bala e o assassinato de trabalhadores, já são uma manifestação da presença da UDR no Estado. Este grupo, em Xapuri, representa o braço armado da UDR. São obstáculos e problemas sérios que enfrentamos a nível de Xapuri. O perigo que temos pela frente é que nós somos o alvo do ataque da UDR no Acre. É uma situação muito difícil. Vários companheiros nossos estão na lista negra desses latifundiários. O principal objetivo da UDR, e a razão dela se ter instalado no Acre, é exatamente para combater a resistência dos seringueiros de Xapuri. Nós temos que agilizar com muita rapidez este quadro de lideranças e este movimento em toda a Amazônia pra que a coisa não se caracterize.

O outro problema, é no sentido de se tentar sensibilizar a opinião pública e todos os segmentos da sociedade pra, juntos, forçarmos o governo a assumir a tarefa de desapropriação das terras que estão nas mãos do latifúndio. Agora existe também uma outra preocupação da nossa parte. Há áreas que foram indicadas pelo governo como áreas pra reserva extrativista que não contam ainda com a participação do Conselho Nacional dos Seringueiros e onde os seringueiros

ainda não estão organizados. Nós tememos o futuro destas áreas. Nós só acreditamos nas áreas onde, mais ou menos, os seringueiros estão assumindo as rédeas da coisa.

Uma questão central:
continuar lutando pelas condições de vida na floresta

A reivindicação que nós apresentamos é, exatamente, fazer com que o governo desaproprie mais áreas que estão nas mãos do latifúndio. São as áreas consideradas de grandes maciços de castanhais e seringueiras, áreas ricas em várias espécies de madeira de lei, que estão ameaçadas de serem destruídas pelo fogo. São as áreas que, ao mesmo tempo, têm grande concentração de seringueiros. Esta é uma das principais reivindicações. Nós queremos abranger muito mais. Pra nós não adianta serem criadas algumas reservas extrativistas isoladas, para depois ficarem cercadas pelas pastagens ou isoladas pelo fogo. Nós queremos ampliar a conquista. Nós queremos pressionar o governo pra que ele continue desapropriando muito mais áreas, principalmente as áreas que nós indicamos como áreas de conflito e áreas de grande concentração de seringueiros.

A segunda reivindicação tem a ver com o problema da educação, o problema de saúde e o problema econômico que os seringueiros enfrentam. Se a gente entrar com um trabalho de educação em todas essas áreas de reserva extrativista, com assistência de saúde, com melhor esquema de comercialização da produção do seringueiro, isto tanto vai estimular o aumento da produção, como também o homem vai se familiarizar muito mais na floresta e vai se sensibilizar muito mais pra lutar por essa floresta.

A autodefesa dos trabalhadores é uma coisa que está em fase inicial. Nós pretendemos organizar o movimento neste sentido. Queríamos, inclusive, levar uma proposta para o Congresso Nacional da CUT, por ser um congresso amplo. Nós defendemos hoje, internamente, um esquema de autodefesa dos trabalhadores, principalmente dos seringueiros. Só que isto não é uma coisa bem definida, bem clara pra todos nós. Qual o rumo? Até onde nós podemos chegar? A idéia está em fase de discussão. Achemos que no II Encontro

Nacional dos Seringueiros vai ser aprofundada esta questão. O esquema de autodefesa deve prever as grandes lutas que nós teremos pela frente e que possivelmente serão maiores por causa do fortalecimento da UDR. O único interesse que existe, o único objetivo desta discussão interna é o fortalecimento do movimento dos seringueiros, em defesa dos seringueiros, do futuro desta Amazônia.

VIII
UM LÍDER FEITO
NO TRABALHO E
NA LUTA,
DEVOTADO AOS
COMPANHEIROS
SERINGUEIROS E À
DEFESA DA AMAZÔNIA

Com 9 ou 10 anos, como todos os outros, comecei a minha atividade como seringueiro. Em 68, eu tentei fazer um trabalho isolado na luta pela autonomia dos seringueiros e enfrentei muitos problemas. Foi um pouco difícil de enraizar o movimento aqui, mas com muito esforço, sacrifício, ele foi se enraizando. Eu fui me afinando mais com o movimento sindical. Achei que a bandeira mais eficiente para eu atuar era o movimento sindical. O meu papel, não digo como uma liderança, mas como um companheiro, tem sido tentar contribuir para o fortalecimento deste movimento, o movimento sindical na Amazônia.

Iniciação sócio-política:
as lições do mestre Euclides
Fernandes Távora no meio da floresta

A minha vida começou igual a todos os outros seringueiros: escravo submetido às ordens do patrão. Eu comecei com 9 anos de idade. Em vez de receber a lição do ABC, aprendi a sangrar a seringueira. Durante muitos anos, desde o século passado até 1970, pelo que eu sei, em nenhum seringal da Amazônia era permitido criar escola. Os patrões seringalistas não deixavam. Primeiro, porque se o filho do seringueiro fosse pra escola, ele ia começar a aprender a ler, a escrever e a contar e ia descobrir a exploração que estava sendo feita. Isto não interessava para o patrão. Depois, isto influía na produção. No lugar do filho do seringueiro ir para a escola, ele tinha que ir pra seringa pra poder fazer mais borracha e

aumentar a produção do seringal. Por isto, durante longos anos, a grande maioria, por quase todo lado, não sabia ler nem escrever. O seringueiro trabalhava o ano todo achando que no final do ano lucraria algum saldo, alguma coisa, mas sempre estava devendo. Como ele não sabia contar, não sabia fazer contas, o patrão o enrolava de qualquer maneira. Eu, com 9 ou 10 anos, como todos os outros, comecei a minha atividade como seringueiro. Mesmo meu pai, também o seu ABC foi sangrar a seringueira.

Houve, porém, um momento que teve alguma coisa diferente pra mim. Não sei se eu acertei numa loteria, o fato é que, de repente, no seringal em que nós morávamos, em 62, uma tarde chegou uma pessoa diferente dos outros seringueiros; um trabalhador, um seringueiro, mas com um aspecto totalmente diferente e com um linguajar totalmente diferente dos outros companheiros. Aquela pessoa, por coincidência, passou em nossa casa num dia em que nós tínhamos chegado da estrada, da seringa, e estávamos defumando o leite. Ele começou a conversar com a gente. Eu comecei a me interessar pelo modo de falar dele, pela forma com que ele se expressava. Ele trazia alguns jornais; por sinal eu ainda não conhecia o que era jornal, naquela época. Me interessei por aquilo. Parece que ele percebeu esse meu interesse. De modo que, a partir desta conversa dele com o meu pai e comigo, ficou acertado que a gente visitaria o seu barraco.

Um dia, a gente fez uma primeira viagem ao seu barraco. Pra ir à casa dele se caminhava três horas pela picada na selva, pelo varadouro. Ele morava sozinho num barraco e demonstrou interesse em me ensinar a ler. Houve um acordo entre ele e meu pai pra que eu fosse liberado aos sábados e domingos para ficar na sua casa durante algum tempo. Todo sábado, eu saía à tarde, caminhava aquelas três horas pela selva, ia pro barraco dele. Como não tinha carta de ABC, ele começava a desenvolver uma espécie de discussão em cima da leitura de um jornal, de uma coluna política do jornal. Jornais que ele recebia com grande atraso de um mês, dois meses. Durante vários meses este processo foi se dando e eu, de repente, aprendi a ler e escrever. Meu pai entendia um pouco também, o que me ajudou. Ele lia um pouco e escrevia, mas não tinha muito tempo de me ensinar. Esta pessoa, então, tinha uma capacidade muito maior, era uma pessoa muito inteligente. Aquilo me levou a um interesse tão grande que a gente às vezes passava a noite acordado, eu ouvindo toda a explanação que ele fazia.

Depois de um ano, mais ou menos, é que ele começou a se identificar, começou a contar a sua história pra mim. Uma noite, ele se identificou como militar, foi tenente do Exército em 35. Ele, juntamente com vários outros colegas de farda, fizeram uma opção pelo movimento que o Luiz Carlos Prestes liderou no Brasil naquela época. Ele disse que o país estava numa situação muito difícil e então entrou no processo da revolução liderado por Prestes. Ele achou por bem aderir a esse movimento. Com a derrota de Prestes, vários foram presos. Ele e outros companheiros foram presos na ilha de Fernando de Noronha.

Ele tinha parentes do lado oposto, ele era sobrinho do Juarez Távora, que tinha uma influência muito grande. Por causa da influência do Juarez Távora, ele conseguiu fugir da ilha de Fernando de Noronha, num barco, e veio pra Belém. Nessa época ele participou de um movimento que tinha influência do major Barata, no Estado do Pará. Nesse movimento, mais uma vez, ele quase vai preso. Conseguiu fugir, e de lá foi para a Bolívia. Na Bolívia, durante muito tempo, na década de 50, ele participou principalmente de movimentos de resistência dos operários bolivianos, dos mineiros e ingressou em todos os movimentos de oposição. Houve, então, grande repressão na Bolívia e ele foi um dos atingidos. Antes de ser preso, ele conseguiu fugir e se embrenhou na selva. Atravessou a selva boliviana, por dentro dos seringais, e veio ter na fronteira do Brasil.

Como ele achava que a sua situação estava já muito complicada, resolveu fazer uma opção pela vida no seringal, pra convivência junto ao seringueiro e daí ficou aonde ele morava. Não era tão distante da fronteira da Bolívia, com umas duas horas de caminhada você estava na fronteira da Bolívia. Ele ficou naquele lugar por achar que ali estava mais seguro. Fez essa opção, aprendeu a cortar seringa. Vivía uma vida muito isolada, sozinho, morava sozinho e nunca soube, nem aprendeu a cozinhar. Levava realmente uma vida muito complicada.

Depois de um ano, ele falou o seu nome. Era Euclides Fernandes Távora. O pai dele se chamava Joaquim Távora e todos os filhos tinham nascido no Crato, Ceará. Tinha um outro parente dele, Dom José Távora, que era bispo. Todo um pessoal muito influente. Mas ele achava que jamais voltaria ao seio de sua família, porque achava que a sua vida era

complicada. Se voltasse teria que fazer de um fuzil o travesseiro. Não ia fazer mais esta opção nesta vida, ficaria ali até morrer, ou quando o seu destino o levasse para algum lugar.

O mais importante que eu aprendi com ele foi sobre 64, quando houve o golpe militar. Eu já estava muito mais preparado pelas minhas conversas com ele. Ele tinha conseguido um rádio no qual aprendi a sintonizar os programas em português das rádios internacionais. Um dos primeiros programas em português que eu ouvi era transmitido todas as 5 horas da tarde, pela Central de Moscou. Em seguida, tinha um programa transmitido em português pela Voz da América e, também, no mesmo horário, o programa em português transmitido pela BBC de Londres. Aí foi que eu descobri que estas três rádios têm uma potência muito grande pra Amazônia. Cada noite a gente tinha uma discussão em cima de uma programação daquelas. Alguns meses depois do golpe militar, sintonizava-se, por exemplo, em português, o programa Voz da América. Ela falava da grande vitória da democracia no Brasil e fazia uma propaganda tremenda. Em outra noite se ouvia a versão da Central de Moscou, onde eles condenavam toda a política de repressão que estava existindo no país, que era um golpe financiado pela CIA, financiado pelo governo americano, com participação, inclusive, de grandes setores conservadores da Igreja ou das Igrejas. O programa fazia uma explanação muito bonita. Ao mesmo tempo, se ouvia pela mesma rádio que estava havendo um massacre contra os verdadeiros patriotas neste país e que vários estavam sendo torturados, outros estavam nas prisões, outros no exílio, outros desaparecidos, assassinados, todos militantes. No outro lado da história, a Voz da América repetia sempre que tinha havido uma vitória da democracia, que o país agora caminhava pra normalidade democrática, que foi a grande vitória em cima de uma política do anarquismo, de corrupção, de não sei de que lá, de terrorista, de comunista e tal. Aí, eu aprendi aquelas versões. A BBC de Londres, em seguida, fazia um retrospecto de tudo o que acontecia pelo mundo. A cada programa que era transmitido, ao final do programa, abria-se uma discussão em cima de todas aquelas questões, com uma versão da política norte-americana e a outra versão da política soviético-socialista.

Isto me despertou muito em 65, que foi o último ano em que tive um entrosamento mais direto com ele. Ele falava muito e me recomendava muito sobre o processo de organiza-

ção do movimento sindical do país. Dizia que teríamos pela frente, com todo aquele esquema de ditadura e de imposição de um momento negro, pelo menos 10, 15, 20 anos de regime duro, de regime ditatorial, mas que iriam surgir novos sindicatos, novas organizações, entidades, associações. Apesar de derrotados, humilhados, massacrados, as raízes nunca se acabam, elas sempre germinam; por mais atacadas que sejam, elas germinarão mais tarde. Esse movimento de libertação, segundo ele, jamais foi eliminado no mundo inteiro. Foi uma lição muito boa, ele fez quase que uma profecia de todo o futuro deste país. E aí ele dizia: "olhe, onde você vai firmar é na organização dos primeiros sindicatos que forem criados nesta região. Vão surgir, mais hoje ou mais amanhã, eu não sei, mas é neles que você tem que se firmar. Você não pode deixar de entrar no sindicato porque eles vão surgir atrelados pelo sistema, pelo Ministério do Trabalho, com todo o acompanhamento e fiscalização da ditadura. É lá que você tem que entrar porque, você sabe, Lenin sempre pregou que não se pode deixar de entrar num sindicato porque ele é pelego. Você tem que entrar lá para estabelecer suas bases, criar raízes e espalhar sua semente, sua ideologia, pra fortalecer o movimento e quem sabe, derrubar aquele esquema, que está ali enraizado. Desta forma, vão surgir os sindicatos totalmente atrelados e é lá que você tem que estar sem se importar com que filosofia, que tipo de política, está orientando aquele sindicato. É claro que são orientações ligadas ao sistema e do qual você tem que saber para estar lá dentro". É, eu acho que isso foi uma das melhores ajudas e uma das razões pela qual eu julgo que hoje estou em toda essa luta. Outros companheiros, infelizmente, naquela época, não tiveram o privilégio de receber uma orientação tão importante como a que recebi para o futuro.

O engajamento na luta pela formação do movimento sindical no Acre

Em 68, eu tentei fazer um trabalho na luta pela autonomia dos seringueiros e enfrentei muitos problemas. Como era uma luta um pouco isolada, minha, não tinha respaldo; era um círculo fechado no momento de ditadura. Então eu encontrava muita dificuldade, até mesmo para conseguir despertar a consciência dos meus companheiros. Só em 75, no momento em que a repressão do latifúndio estava dominando toda essa região, surgiram os primeiros sindicatos, liderados pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricul-

tura, a CONTAG, com acompanhamento do Ministério do Trabalho. O primeiro que eu ouvi falar ia ser fundado no município de Brasiléia. Naquele momento me recordei muito das lições passadas e o meu primeiro passo foi seguir pra lá, mesmo sem ser convidado. Eu cheguei lá, fui aceito e participei do curso de sindicalismo que traria a fundação do sindicato. Tive bastante sucesso. Como já tinha uma experiência aprendida dez anos antes, não tive problema de me colocar dentro das discussões que se levantavam naquele momento. Só que já tive condições de descobrir que as orientações que levaram à fundação daquele sindicato eram ainda de uma tendência muito cautelosa, muito conservadora. Dava pra você perceber que eram orientações muito ligadas ao sistema, orientação muito de conciliação. Era defesa do seringueiro, mas ficava entre uma coisa e outra, uma bananosa. Isto eu descobri logo e cresceu mais a minha vontade de penetrar naquele movimento. Foi assim que eu ingressei no sindicato de Brasiléia, em 75, e em março de 76 participei diretamente do primeiro momento de resistência dos seringueiros desta região e quando o sindicato foi fundado, foram eleitos Elias Roseno, como presidente, Raimundo Maranhão, tesoureiro, e eu, Chico Mendes, secretário. Éramos os três. A gente fazia revezamento. Como os sindicatos surgiam sem condições financeiras, a gente fazia revezamento. Eu ficava uma, duas, três semanas atuando na sede, enquanto os outros companheiros trabalhavam. Depois, eles vinham, eu saía um pouco. Voltava pra assumir enquanto eles iam cuidar de seu trabalho. Alguns companheiros de Xapuri, ligados àqueles seringueiros vizinhos de Brasiléia, quando souberam que eu estava na direção do sindicato de Brasiléia correram pra se filiarem. Mas aqui em Xapuri era uma outra jurisdição. Então, me empenhei em vir pra cá, pra começar a atuar nas bases e fortalecer o movimento aqui, para possível criação do sindicato.

Foram difíceis os primeiros passos porque havia uma diferença. Em Brasiléia, naquela época, a Igreja era liderada pelo Bispo Dom Giocondo, da prelazia do Acre-Purus. Ela começou a fazer uma opção muito grande em favor do seringueiro ameaçado. Em Brasiléia, a Igreja abriu suas portas para o sindicato, de modo que os cursos, o treinamento, a fundação do sindicato foram feitas dentro das dependências da Igreja. Aqui em Xapuri, a coisa foi diferente. Foi a primeira vez que eu, inclusive, recebi intimação da Polícia Civil. Isto foi originado em uma denúncia feita, na época, pelo padre local, que era totalmente contra qualquer tipo de

mobilização dos trabalhadores e totalmente comprometido com a política do latifúndio. Este padre, além de padre era um agente secreto do SNI. Chamava-se Pe. José Carneiro de Lima.

Foi um pouco difícil enraizar o movimento aqui, mas com muito esforço, sacrifício, foi se enraizando. A partir de 78, quando eu já estava em Xapuri, o Wilson Pinheiro assumiu a direção do sindicato em Brasília. O movimento se fortaleceu muito mais porque Wilson Pinheiro era um companheiro de uma capacidade muito grande, de coragem.

Uma história de ativa militância sindical e política

Na época que eu era diretor do sindicato, em Brasília, e que sentia a necessidade de organizar o sindicato aqui em Xapuri, estava acontecendo o processo político, havia campanha política, era um momento eleitoral em Xapuri e toda a região. Naquela época, havia dois partidos da ditadura, a Arena — Aliança Renovadora Nacional e o Movimento Democrático Brasileiro, o MDB. O MDB era tido como o partido realmente de oposição ao sistema, mesmo sendo criado pela ditadura. Era o único partido em que os trabalhadores depositavam certa confiança, por ser de resistência contra a ditadura, naquele momento negro. Muita gente não tinha nem coragem de ser candidato por um partido de oposição.

Eu fui convidado pra preencher uma vaga de candidato a vereador de Xapuri, porque o partido precisava de um número mínimo de candidatos para poder concorrer à eleição. Eu aceitei só pra preencher a vaga. Consultei os companheiros de Brasília, que ficaram preocupados, pois achavam que aquele não era o momento. Mas eu tinha o direito de vir porque tinha uma função aqui, a de organizar o sindicato. Então houve consenso. Por isto me desloquei pra cá e aceitei ser candidato pelo MDB a vereador. Só que eu aceitei pensando que o meu nome era simplesmente pra preencher uma vaga para o partido político concorrer. Eu não tinha recurso nenhum, não tinha nenhuma experiência de política partidária. Eu era um eleitor de oposição, tinha uma convicção de oposição ao sistema, mas não entendia do processo político-partidário. Mesmo assim aceitei. Fui eleito. Isto me deixou numa situação muito difícil, porque eu não tinha experiência nenhuma nesse ramo, a experiência que eu estava desenvolvendo era questão sindical, a luta sindical. Aí, eu tive que juntar as duas coisas pra poder tocar o trabalho.

O partido pelo qual eu fui eleito, o MDB, elegeu três vereadores e o partido dominante elegeu quatro, ficou com a maioria. Eu sabia de antemão que ia enfrentar uma barra muito pesada, porque sabia que aquelas pessoas estavam do lado do latifúndio. Tinha uma esperança que os meus dois outros companheiros de bancada pudessem seguir também uma linha política mais comprometida com os trabalhadores. Isto foi minha grande decepção. Além de ter dado os primeiros passos sem muita experiência, percebi que os companheiros não fechavam com a minha idéia de usar o mandato como instrumento de luta em favor dos seringueiros. Os meus primeiros trabalhos na Câmara foram com o objetivo voltado contra a expulsão dos seringueiros, o que não agradou aos companheiros de bancada, nem ao outro lado, do poder dominante. Também não agradou aos políticos maiores do próprio partido em que eu estava. Isto foi me deixando um pouco decepcionado, de forma que em 77 eu quase fui cassado.

Participei ativamente da fundação do sindicato. Não pude ser diretor porque exercia um cargo político, mas trabalhei para eleger companheiros para a direção do sindicato. A partir desse momento comecei a ter um certo apoio da Igreja local, que estava passando por um processo de transformação com a saída do padre reacionário.

Os anos de 78, 79 foram muito difíceis, neste processo de ser vereador e ao mesmo tempo sindicalista. E ainda me colocaram uma imposição: eu não poderia ser sócio do sindicato, porque era vereador, tinha que exercer alguma atividade no campo para poder ser sócio. Eu aceitei e então, na época da safra da castanha, eu ia cortar castanha. Era época de recesso da Câmara e eu aproveitava pra ir cortar seringa ou cortar castanha. Aí o sindicato me aceitou como sócio e eu comecei a participar quase que diretamente das decisões do sindicato. A coisa ficou mais ampla, ficou melhor pra mim, mas tive que enfrentar uma briga contra os fazendeiros e uma briga contra os seis vereadores. Isto foi uma das experiências mais amargas que eu passei, só que me ajudou a amadurecer muito e aprender muita coisa. Comecei então a descobrir como funciona a máquina político-partidária, o esquema tão trágico, tão ridículo, como funciona a coisa, como os trabalhadores são enrolados, e como servem de manobra pra fortalecer os políticos. Os trabalhadores, inconscientemente, fazem que nem uma pessoa que encontra um leão ferido, cura o leão e depois o leão os devora. Os trabalhadores fortalecem os

políticos que defendem os inimigos deles. E muitos trabalhadores não descobriram isto.

O ano de 78 foi um momento difícil pra mim, porque eu enfrentava uma luta interna contra os companheiros de bancada e enfrentava uma outra luta contra o latifúndio. Ao mesmo tempo, comecei a ter um relacionamento com o outro lado, o dos intelectuais, do pessoal de outra formação, estudantes e professores universitários e que participavam de outros movimentos de esquerda. Este pessoal começou a me cooptar e eu comecei a ter entrosamento também com este outro lado da história, com pessoas ligadas aos partidos clandestinos da época. Comecei a me entrosar e cheguei a participar, inclusive, de um movimento clandestino, o PC do B, naquela época na clandestinidade. Comecei a me entrosar, e achei bonita a proposta das esquerdas. Então, comecei a descobrir que eu estava no partido errado. Mas, por uma questão de tática, tinha que seguir e usar aquele mandato como instrumento de luta, porque sem ele seria pior. Era a avaliação que se fazia.

Foi no final de 79 que surgiu o PT. A grande expectativa dos sindicalistas de São Paulo, e mesmo aqui do Acre, era a minha adesão ao Partido dos Trabalhadores. Aí, eu passei uma transição difícil porque o PC do B considerava, naquele momento, traidor todo aquele que aderisse ao Partido dos Trabalhadores. Eu discordava de algumas posições do PC do B, naquela época, porque quando a gente se articulava na luta contra o latifúndio, quando eu enfrentava a luta, os embates e a repressão caíam em cima de mim, eles se escondiam por detrás das cortinas. Só eu aparecia na história. Comecei a ficar meio bravo com aquilo, desconfiando daquilo. Rompi com o grupo do PC do B e aderi ao Partido dos Trabalhadores.

Daí comecei a minha militância política no Partido dos Trabalhadores. Como era um partido que vinha se afinando com o movimento sindical em uma série de coisas, eu ingressei. Só que também passei por experiência amarga, não pela orientação nacional do partido, mas por causa de vários grupos que também entraram no partido. Houve divergências internas das quais eu também fui vítima. Inclusive, em 82, fui candidato pelo PT a deputado estadual e perdi. Também cheguei a enfrentar a oposição interna, porque alas com tendência mais à direita achavam que a minha candidatura representava um perigo dentro do partido, pois poderia levar

o partido a uma posição muito radical e coisas dessa natureza. O pior ainda eram os setores da Igreja, tidos como progressistas, naquele momento. Mas, tudo bem, eu avalei que isso faz parte do processo da luta mesmo e continuei.

Fui me afinando mais com o movimento sindical. Achei que a bandeira mais eficiente pra eu atuar era o movimento sindical. Isto me lembrou muito as lições aprendidas com Euclides Fernandes Távora, em 65. Continuei na militância do Partido dos Trabalhadores, mas de 81 em diante, em 82, comecei a atuar como linha de frente na direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

Nesse momento surge a nossa preocupação de criar um movimento de educação popular. Isto foi fruto de todo o avanço desta luta. Foram escolas organizadas com uma linha política diferente do esquema oficial de ensino do país, porque a nossa preocupação era não permitir que se adaptasse nas escolas o esquema oficial do sistema dominante, que levaria a uma situação até pior pra nós.

CHICO MENDES: companheiro e líder dos seringueiros

Hoje sou membro do Conselho Nacional dos Seringueiros. Eu nem entrei na direção pra dar oportunidade a outros companheiros. Mas, como membro, eu faço um papel quase de direção do Conselho. Existe uma tendência, para me colocar na frente da direção do Conselho Nacional dos Seringueiros a partir do próximo encontro, que está previsto para a primeira quizeira de março. Isto porque me familiarizei muito na questão do Conselho Nacional dos Seringueiros. Acho que é uma entidade nova que consegue dar uma enorme contribuição para o movimento a nível nacional e internacional.

Meu papel, não digo como uma liderança mas como um companheiro, tem sido contribuir para o fortalecimento deste movimento e o Conselho Nacional dos Seringueiros hoje, pra mim, é o mais importante para a luta dos seringueiros. Mesmo como presidente do sindicato, que sou, acho que a partir do Conselho se pode fortalecer, também, o movimento sindical na Amazônia. É o fortalecimento feito pelo Conselho Nacional dos Seringueiros. E eu, não digo como líder mas como um dos membros, pretendo dar toda a minha contribuição e ajudar no que for preciso para o fortalecimento deste movimento.

GLOSSÁRIO

ARENA — Aliança Renovadora Nacional
BBC — British Broadcasting Company
BNDES — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEDOPE — Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia
CESI — Coordenadoria Ecumênica de Serviços
CGT — Central Geral dos Trabalhadores
CIA — Central Intelligence Agency
CNDDA — Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia
CONTAG — Confederação dos Trabalhadores na Agricultura
CTA — Centro dos Trabalhadores da Amazônia
CUT — Central Única dos Trabalhadores
DCE — Diretório Central de Estudantes
FETACRE — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre
FUNATURA — Fundação de Defesa da Natureza
FUNTAC — Fundação de Tecnologia do Acre
IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IEA — Instituto de Estudos Amazônicos
INCRA — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INESC — Instituto de Estudos Sócio-Econômicos
IPEA — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDB — Movimento Democrático Brasileiro
MIRAD — Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário
OXFAM — Entidade não-governamental inglesa de apoio a projetos sociais no Terceiro Mundo
PCB — Partido Comunista Brasileiro
PC do B — Partido Comunista do Brasil
PDS — Partido Democrático Social

PDT — Partido Democrático Trabalhista
PFL — Partido da Frente Liberal
PMDB — Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSB — Partido Socialista Brasileiro
PSDB — Partido Social-Democrata Brasileiro
PT — Partido dos Trabalhadores
PUC — Pontifícia Universidade Católica
PV — Partido Verde
SEMA — Secretaria Especial do Meio Ambiente
SUDHEVEA — Superintendência do Desenvolvimento da Borracha
UDR — União Democrática Ruralista
UNI — União das Nações Indígenas
USP — Universidade de São Paulo



FASE - NACIONAL
Rua Bento Lisboa, 58
22221 - RIO DE JANEIRO - RJ
Tel.: (021) 285-2998

REGIONAL NORTE

FASE - ABAETETUBA
Trav. Pedro Pinheiro Paes, 330
68440 - ABAETETUBA - PA
Tel.: (091) 751-1181

FASE - BELÉM
Rua Bernal do Couto, 1329
66030 - BELÉM - PA
Tel.: (091) 222-0318

FASE - CAPANEMA
Av. Pres. Médici, 1992
68700 - CAPANEMA - PA
Tel.: (091) 821-1716

FASE - IMPERATRIZ
Rua Aquiles Lisboa, 167
65800 - IMPERATRIZ - MA
Tel.: (098) 721-4474

FASE-SÃO LUÍS
Rua do Pespontão, 256 - Centro
65010 - SÃO LUÍS - MA

FASE-MANAUAS
Rua Major Gabriel, 443 - Centro
69013 - MANAUAS - AM
Tel.: (092) 234-6761

FASE - VALE DO GUAPORÉ
Rua Darci de Freitas Queiroz, 1160
Centro
78250 - PONTES E LACERDA - MT

REGIONAL NORDESTE

FASE - RECIFE
Rua Barão de S. Borja, 495
50020 - RECIFE - PE
Tel.: (081) 221-5478

FASE - FORTALEZA
Rua Prof. João Bosco, 73
60430 - FORTALEZA - CE
Tel.: (085) 223-4056

FASE - ITABUNA
Rua Rio Branco, 93/19 andar
45600 - ITABUNA - BA
Tel.: (073) 211-4498

FASE - MACEIÓ
Rua Gonçalves Dias, 62
57055 - MACEIÓ - AL
Tel.: (082) 221-0667

FASE - ICÓ
Rua Dr. Inácio Dias, 2148
63430 - ICÓ - CE
Tel.: (085) 731-1064

SUDESTE/SUL

FASE - RIO
Av. Pres. Wilson, 113/Conj. 1302
20030 - RIO DE JANEIRO - RJ
Tel.: (021) 220-7198 e 282-2565

FASE - VITÓRIA
Rua Antônio Aguirre, 117 - Centro
29015 - VITÓRIA - ES
Tel.: (027) 223-7436

FASE - SÃO PAULO
Rua Loeffgren, 1651 - C/6
04040 - SÃO PAULO - SP
Tel.: (011) 549-3888 e 548-1307

FASE - JABOTICABAL
Rua Mimi Alemanha, 37 - Centro
14870 - JABOTICABAL - SP
Tel.: (0163) 22-5219

FASE - PORTO ALEGRE
Rua Gaspar Martins, 470
90220 - PORTO ALEGRE - RS
Tel.: (051) 225-0787